

ISSN 1808-8090

MEMORIALIDADES

Ano 2, nº 3 e 4, jan/dez, 2005

UESC/DFCH - NÚCLEO DE ESTUDOS DO ENVELHECIMENTO
Revista Semestral

Coordenação editorial

Profa. Raimunda Silva d'Alencar
Profa. Evani Moreira Pedreira dos Santos
Profa. Elizabete Salgado de Souza

M533 Memorialidades / Universidade Estadual de Santa Cruz.
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Ano
2, n. 2 e 3 (jan-dez.2005). - Ilhéus:Editus, 2007.
v. : il.

Semestral

ISSN: 1808-8090

1. Idosos - Periódicos. 2. Idosos - Condições Sociais -
Periódicos. 3. Gerontologia - Periódicos 4. Envelhecimento -
Periódicos. I. Universidade Estadual de Santa Cruz. Depar-
tamento de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD - 362.6

Ficha catalográfica Elisabete Passos dos Santos CRB5/533



Memorialidades. Ilhéus (BA), Ano 2, n. 3 e 4, p. 1-78, Jan/Dez, 2005.

Revista semestral para divulgação de pesquisas, ensaios, relatos de experiências educacionais de interesse do idoso e de estudiosos da temática do envelhecimento.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Paulo Ganem Souto - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Anaci Bispo Paim - Secretária

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor
Lourice Hage Salume Lessa - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS
Maria Luiza Nora

PROJETO GRÁFICO e CAPA
Adriano Lemos

FOTO DA CAPA
Fernando Soares

REVISÃO
Aline Santos de Brito Nascimento
Maria Luiza Nora

COMISSÃO EDITORIAL

Antonio Carlos do Espírito Santo
Médico, Especialista em Geriatria.

Benedita Edina da Silva Lima Cabral
Dra. em Ciências Sociais, Gerontóloga.

Carmem Maria Andrade
Dra. em Educação.

Edméia Campos Meira
Mestra em Enfermagem, UESB.

Elizabeth Salgado de Souza
Doutoranda em Educação, UESC

Margarida Cordeiro Fahel
Especialista, Aposentada, UESC.

Raimunda Silva d'Alencar
Mestra em Sociologia Rural, UESC.

Samuel Macêdo Guimarães
Mestre em Educação Física, UESC.

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000
Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora>
e-mail: editus@uesc.br

EQUIPE EDITUS

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO;

REVISÃO: MARIA LUIZA NORA, ALINE NASCIMENTO

COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS;

DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

S U M Á

4 NOSSA IDADE

Editorial

5 NA PRIMEIRA PESSOA

Entrevista com **Maria Yeda R. Pinto**

9 NA TERCEIRA PESSOA

Estudos e ensaios monográficos sobre
velhice e envelhecimento

9 O Envelhecimento e a odontologia

Avilene Marta de Oliveira

15 A terceira idade e a condição humana

Juliana Andrade Oliveira

22 Aprendendo com a morte

Evani Moreira Pedreira dos Santos

31 Os esquecidos sociais: idosos em casas asilares

Fernanda Silva d'Alencar

36 Reproduzindo a violência em domicílio: o preço de envelhecer

Raimunda Silva d'Alencar

43 A vida em novo ritmo: o idoso na sociedade informatizada

Harley Cardoso Menezes Campos
Raimunda Silva d'Alencar

S U M Á R I O

55 PRODUTIVIDADE Relatos de atividades dos idosos

55 **Ouvir as queixas e ensinar remédio**
Ruy Póvoas

61 **Homenagem ao professor**
Wilma Rosa

65 **Imagem feminina**
Kátia Daneu Ortega Noriega

63 **Um homem**
Cyro de Mattos

MEMÓRIA DE LUGARES 67

Recordar é viver... 67
Profelina Souza Maia

69 CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL

69 **Mensagens aos netos**
Maria Luiza Nora

73 **Mensagens aos avós**
Debora Bahia T. da Silva
Alessandra Machado
Sulanita Teles
Maria Luiza Souza de Andrade

Este é o segundo ano da Revista **MEMORIALIDADES**. Os números 3 e 4, chegaram com relativo atraso e, por isso mesmo, apresentados conjuntamente. Ainda que com algumas dificuldades, esta edição está recheada de significativas contribuições, composta por artigos que tratam do debate no campo da educação, ligando-a à saúde, à finitude, às tecnologias, além de temas como violência e condição humana.

A seção **NO PLURAL** traz o texto da Dra. Avilene Marta de Oliveira sobre a questão da Odontogeriatría como uma nova especialidade para o segmento idoso da população, mostrando as inúmeras possibilidades de recuperar a saúde e os sorrisos escondidos atrás de dentes que, ao longo do tempo, não receberam qualquer tratamento ou mesmo ensinamentos básicos de higiene. Ao mesmo tempo, o texto sinaliza a necessidade da formação de profissionais na área, ainda indisponíveis para grande parcela da população idosa do País.

A *Terceira Idade e a Condição Humana*, de Juliana Andrade Oliveira discute a questão do viver na velhice e a criação de espaços para o exercício da política, para exposição de opiniões acerca do mundo, da vida, delas mesmas.

A Profa. Evani Moreira Pedreira dos Santos discute o papel social da morte enquanto possibilidade de aprendizagem no texto *Aprendendo com a Morte*.

A questão da violência contra idosos é abordada no artigo *Reproduzindo a Violência em Domicílio: o preço de envelhecer*, da Profa. Raimunda Silva d'Alencar, explicitando que a violência integra os processos de marginalização associados às fracas interações sociais e às fragilidades dos vínculos estabelecidos, especialmente, entre Estado e sociedade. Nessa temática ainda se situa o artigo *Os Esquecidos Sociais: idosos em casas asilares*, da enfermeira Fernanda Silva d'Alencar acerca da velhice institucionalizada, recuperando o entendimento de que as condições da solidão dos idosos refletem a concepção de velhice dominante na sociedade.

A educação e as novas tecnologias é tema tratado por Harley Cardoso Menezes Campos e Raimunda Silva d'Alencar no texto *A Vida em Novo Ritmo: o idoso na sociedade informatizada*. Nesse texto, argumentam os autores, os desafios se revelam na necessidade de acesso das pessoas idosas a informações e conhecimentos que lhes permitam condições instrumentais mínimas para fazer frente aos novos cenários, às novas transformações, apesar dos altos custos de equipamentos para boa parcela da população. Para os idosos, computador e internet são instrumentos importantes de ocupação do tempo, de forma útil e prazerosa.

Na seção **PRODUTIVIDADE**, encontra-se o texto *Ouvir as Queixas e Ensinar Remédios*, do Prof. Ruy Póvoas. Trata-se de texto simbólico extraído da cultura nagô, que conta um itan (história) relacionando a simbologia nagô com a nossa realidade de envelhecer. Diz o texto que "aquele que sabe ouvir as queixas e ensinar remédio reside em nós mesmos, porque somos nós mesmos que alcançamos a integração dos diversos níveis que compõem a estrutura de nossa psique, desde que nossa alma se abra para o Universo e aceitemos os necessários encontros com o outro". Complementam esta seção, os textos de Cyro de Mattos, *Um Homem*, de Katia Daneu, *Imagem Feminina*, além do poema de Wilma Rosa, *Homenagem ao Professor*.

Recordar é Viver integra a seção **MEMÓRIA DE LUGARES**, recuperado por Profelina Sousa Maia (in memoria).

Finalmente, esta edição traz um espaço para a **CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL**, apresentando duas belas mensagens-texto da Profa. Maria Luiza Nora dirigidas aos seus primeiros netos, além de outros textos sobre a relação avô-neto, sugerindo que a chegada dos netos e a convivência com os avós podem ressignificar aspectos importantes da vida dos mais velhos e dos jovens.

A coordenação

E N T R E V I S T A

Maria Yeda R. Pinto

Maranhense da cidade de Carolina, é filha de pai jornalista que viajava muito, criando oportunidades aos filhos para conhecerem lugares diferentes. Casou-se aos quinze anos com militar da aeronáutica e foi morar na cidade de Santos, São Paulo, onde permaneceu por muitos anos. Mãe aos 16 anos, católica praticante, teve sete filhos, cinco homens e duas mulheres, e é avó de 18 netos. Advogada de formação, Yeda é empresária, atuando em Itabuna desde o início dos anos 80.

Revista: De advogada para empresária, por quê a mudança?

D. Yeda: Na verdade, estudei Direito na cidade de Guarulhos, São Paulo, e só atuei na profissão por apenas dois anos; não gostei e procurei mudar.

Revista: Explique um pouco essa desistência da profissão de advogada.

D. Yeda: Simplesmente a militância não foi o que eu esperava. Realmente me decepcionei muito com a “in-justiça” praticada em todos os escalões e decidi fazer outras coisas que me preencheram mais e me deram oportunidades de interagir com lisura e honradez.



Revista: De São Paulo, a maior e mais dinâmica cidade brasileira, para Itabuna, cidade do sul da Bahia, bem menor, bem menos dinâmica, o que representou essa mudança para você?

D. Yeda: A mudança não me causou surpresa, foi escolha; além disso, sou uma mulher muito prática. Vim sozinha para Itabuna e fui bem recebida por uma família daqui, que conheci em São Paulo. Durante a minha organização de vida, contei com total apoio deste casal e de dois filhos meus que decidiram suspender temporariamente as atividades estudantis que tinham na Universidade de Brasília e na Universidade de São Paulo para me dar apoio durante a fase inicial dessa mudança, retornando em seguida para continuá-las. Aqui permaneci, aqui estou.

Revista: Por quê a opção por Itabuna?

D. Yeda: Em 1980 recebi um convite para trabalhar em Itabuna como representante da Editora Abril. Não vacilei. No início foi difícil, mas em nenhum momento pensei em desistir; eu sempre trabalhei. Deixei um emprego em uma multinacional para enfrentar esta experiência, o que representou mais uma, positiva, em minha vida. Valeu a pena!

Revista: O que significa religião para você?

D. Yeda: A religião é muito importante para mim; é o que me dá forças, coragem e, ainda, uma retaguarda fantástica. As minhas decisões são tomadas sempre sob o amparo da fé.

Revista: Falando em religião, nós sabemos que a senhora tem uma ligação com um grupo conhecido por *Toca de Assis*. Poderia explicar o que faz esse grupo e que ligação é essa?

D. Yeda: A *Toca de Assis* é uma comunidade formada por jovens muito inteligentes que perceberam, muito cedo, as vantagens de se prepararem verdadeiramente para a vida, abandonando os excessos da vida material e assumindo a vida espiritual, dedicando-se aos excluídos, aos mendigos, recolhendo em sua casa aqueles que aceitam a reclusão, compensada pelo conforto e carinho que lhes são oferecidos. Esses jovens chegaram a Itabuna a convite do Padre Auxêncio, então Pároco da Igreja de Nossa

Senhora da Conceição (hoje ele é toqueiro – nome que se dá aos integrantes da *Toca de Assis*), e foram morar no Bairro São Judas, distante do Centro, em rua sem asfalto, em local perigoso e sem segurança. Como sempre acompanhei a atuação desses jovens, vi de perto o problema que enfrentavam com a moradia, e a dificuldade que tinham para prestar assistência às pessoas acolhidas, como levar a médico, dentista, hospital. Decidi então aliviar ou amenizar aquele sofrimento, e Deus me permitiu adquirir um imóvel bem melhor, em terreno de 2.300 metros quadrados, em local asfaltado, onde vivem hoje, bem mais felizes e confortáveis. Esta é a *Toca de Assis* feminina, mas existe a masculina. Embora a comunidade tenha muito mais homens que mulheres, devo dizer que a mulher gerencia, de forma bem mais inteligente que o homem, essas situações de infortúnio.

Revista: Você é uma pessoa muito ativa, envolvida com o trabalho. O que quer dizer trabalho para você, e o que a faz tão vibrante?

D. Yeda: Trabalhar para mim é lazer. Gosto do que faço, sinto prazer em fazer o que faço. Não há lazer melhor do que trabalhar. Estar em atividade, estar trabalhando, ocupada, me dá segurança. Pra mim, os valores que uma pessoa abraça e defende são, na verdade, uma consequência do trabalho. Agradeço a Deus pela origem que tive, os pais maravilhosos que tão bem souberam transmitir aos filhos os valores reais – da dignidade, da fé e do trabalho.

Revista: Além de trabalhar o que mais gosta de fazer?

D. Yeda: Viajar; viajo sempre, mas não faço planejamento de viagem. As oportunidades acontecem e eu tiro proveito delas. Numa dessas viagens à Europa, tive a oportunidade de conhecer experiências de grupos de pessoas idosas. Ao retornar de uma dessas viagens, em 1995, criei o grupo Clube da Maior Idade Grapiuna, hoje congregando 88 associados, com aulas de dança, reuniões e outros eventos previamente programados. Esse Clube funciona no meu local de trabalho, em espaço cedido pela minha empresa, a Kastor Distribuidora de Livros e Revistas, sediada em Itabuna, Bahia.

Revista: O que vem significando envelhecer pra você?

D. Yeda: É um processo tão normal! Para falar a verdade, não percebi o meu envelhecimento, porquê não tenho preocupação com o que deixei de fazer. Tenho consciência de que fiz tudo o que quis, dentro das condições que criei. Vivi cada etapa e vivo sem me preocupar com os anos passados, sempre procurando viver melhor o presente.

Revista: Como você vê a juventude, hoje?

D. Yeda: Um tanto desorientada, sem noção de valores; a família se desestruturou. Os pais se tornaram ausentes e passaram a olhar mais para si mesmos. O apelo da televisão, a valorização do corpo e, não podemos negar, a falência da autoridade paterna, tudo isso tem contribuído para a desorientação dos jovens.

Revista: E a mulher?

D. Yeda: Ela vem assumindo um lugar que sempre deveria ter na sociedade. Mas hoje há um apelo muito forte da sexualidade, conseqüência da perda de valores reais.

Revista: Quanto à homossexualidade, como analisa?

D. Yeda: Uma questão polêmica; a igreja condena, mas bem que deveria mudar. A opção sexual de uma pessoa não pode ser condenada; condenável é o exagero, a libertinagem. Afinal, isto sempre existiu, desde os romanos, na antigüidade.

Revista: O que tem a dizer sobre Política?

D. Yeda: Da política sinto-me envergonhada, decepcionada. Acho que só poderíamos ter alguma mudança se reduzíssemos o tamanho do Congresso, porque reduziríamos o tamanho da corrupção.

Tenho consciência de que fiz tudo o que quis, dentro das condições que criei. Vivi cada etapa e vivo sem me preocupar com os anos passados, sempre procurando viver melhor o presente.

Revista: Com relação à velhice em Itabuna, como você a vê?

D. Yeda: Vejo a velhice bem mais humanizada na nossa região. E essa humanização aconteceu a partir dos trabalhos da UESC e de algumas ações das igrejas. Nunca a velhice foi tão valorizada.

Revista: Como é o dia-a-dia da empresária?

D. Yeda: Levanto cedo para fazer caminhada ou ir à missa. Às 9h já estou no escritório para dar início ao meu expediente, onde fico até às 17:30h, diariamente. Tenho cerca de 70 pessoas sob minha orientação, além de que atuo em 38 municípios do Sul da Bahia. Também atuo e gerencio as ações do Clube da Melhor Idade, e estou à frente de todas as suas atividades, que não são poucas. Como tenho família grande, tenho sempre obrigações que me levam a viajar; logicamente são viagens longas nas distâncias, mas rápidas no

Vejo a velhice bem mais humanizada na nossa região. E essa humanização aconteceu a partir dos trabalhos da UESC e de algumas ações das igrejas. Nunca a velhice foi tão valorizada.

tempo. Em função do meu trabalho, também preciso fazer viagens de caráter profissional. Como vê, não me sobra tempo para muita coisa, como ler e ir a cinema, *hobbys* mais esporádicos. Mesmo assim, leio as revistas semanais e os jornais diários, além de que não perdi o hábito de comprar os *best-sellers*, ainda que os leia até a metade, quando muito. Além disso, tenho computador (internet), o *orkut*, o *skype*, para depois da meia noite. O

tempo para dormir é pouco, máximo de cinco horas, mas suficiente para o repouso reparador.

Revista: Nós queremos saber quem é Yeda, por Yeda.

D. Yeda: sou um pouco mística; venho de uma família muito religiosa. Sou uma pessoa determinada - quando quero algo, invisto, vou em frente. Não sei se sou corajosa - mas sei que Deus me dá muita força. Sou uma pessoa decidida, e revoltada com a injustiça social. Enfim, sou uma pessoa normal.

O Envelhecimento e a odontologia

Dra. Avilene Marta de Oliveira*

A odontologia entra no novo século com algumas especialidades novas, dentre elas a Odontogeriatría. A partir de 2002, quando foi regulamentada, passamos a contar com um novo profissional, voltado para o atendimento especializado de pacientes da terceira idade. A saúde bucal e a preservação dos dentes, devido ao panorama etário mundial, onde a expectativa de vida hoje ultrapassa os 70 anos, passa a ser um requisito relevante na qualidade de vida desse grupo. De acordo com o IBGE, a projeção para 2050 será de um percentual igual de idosos e de adolescentes, devido ao planejamento familiar da classe média e à redução do índice de fecundidade. Hoje já podemos falar em pessoas com ou mais de 100 anos.

Na disciplina de Geriatria da Facul-

dade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP há um ambulatório para atendimento de centenários. Nove por cento da população brasileira é de idosos (acima de 60 anos), por volta de 15 milhões; as mulheres são maioria, com a estimativa de esse número dobrar em 2025. A região Sudeste do Brasil possui o maior percentual de idosos, ficando os estados do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife (no Nordeste) em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Convém realçar que 75% não têm sequer um dente, e somente 10% têm 20 ou mais dentes. Esses dados não sofrem alteração desde a década de 1980, quando o Ministério da Saúde fez um levantamento epidemiológico nacional (1986) e o índice encontrado foi

* Especialista em Prótese e Odontogeriatría. Diretora do Departamento de Odontogeriatría APCD Regional, Jardim Paulista, São Paulo.

de 72% de desdentados. A expectativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) era que, para o ano 2000, 50% da população de idosos possuísem 20 dentes. Esse número de 20 dentes é considerado pela Federation Dentaire Internationale - FDI (1982) o mínimo necessário para o bom desempenho na mastigação de todos os tipos de alimentos da pirâmide alimentar.

A presença de um número reduzido de dentes prejudica a função mastigatória, fazendo com que a pessoa limite os alimentos ingeridos, escolhendo aqueles mais macios, que exigem menor esforço para serem triturados. Isso acaba determinando uma restrição na dieta, que resulta na preferência por carboidratos, conseqüentemente, levando a um aumento de peso, além de tornar a ingestão de nutrientes deficiente.

O uso de Prótese Total (dentaduras) é elevado nesta faixa etária e a maioria delas encontra-se em condições não adequadas de função e higiene, sem ajustes ou troca por períodos acima de 20 anos.

Sabendo-se que a eficiência mastigatória oferecida por uma Prótese Total adequada é de 25% se comparada com a da dentição natural, fica patente a importância de informar às pessoas a necessidade de ajustes frequentes das próteses, adequando-as às mudanças que ocorrem na boca com o

decorrer do tempo.

Os idosos, tanto os independentes, que representam a maioria, os parcialmente dependentes e os totalmente dependentes, têm, em comum, problemas socioeconômicos que os levam a buscar ajuda dos serviços de suporte de saúde. Atualmente, temos o programa *Brasil Sorridente*, do governo federal, com incentivos distribuídos entre construção de centros de referência de especialidades odontológicas, aquisição de consultórios e fluoretação de água do abastecimento público. Esse programa é para toda a população brasileira que utiliza a rede pública de saúde para receber tratamento odontológico. Ele também tem conexão com o PSF (Programa de Saúde da Família). Esse é um passo na direção da manutenção dos dentes, tratando-os sem ter necessariamente de arrancá-los, como acontecia muito no passado e ainda acontece.

O envelhecimento da cavidade bucal tem características peculiares, porém não inclui a perda dos dentes; essas peculiaridades vão desde o caráter estético, do porquê da cor mais amarelada presente nos dentes dos idosos, que pode ser melhorada com técnicas de clareamento e facetas de porcelana que recobrem a face da frente dos dentes, melhorando cor e forma, até funcionais, interferindo no dia-a-dia, como alteração do paladar, causada por uma dimi-

nuição das papilas gustativas, levando a uma predileção por salgar a comida.

A polpa (nervo) do dente, com o envelhecimento, apresenta uma menor sensibilidade, não acusando dor como sinal de alerta de que pode estar acontecendo algo; ao mesmo tempo, proporciona que alguns procedimentos possam ser realizados sem o uso de anestésicos. Diante disso, recomenda-se visitas periódicas ao dentista, mesmo sem sintoma algum, e controles radiográficos, como rotina.

Os desgastes dentários são comuns e acentuados, causados por vários motivos, dentre eles o *Bruxismo*, *apertamento* e *rangimento* dos dentes, na maioria das vezes não percebido pelo paciente. Esse hábito leva o sistema muscular a um *stress* que o indivíduo sente como um cansaço, uma tensão na boca, onde os dentes estão constantemente em contato, podendo levar a dores musculares, articulares e quebras dentais. Pode ocorrer durante o dia ou a noite, quando é mais freqüente. Para amenizar este problema, o uso de uma placa de resina rígida, chamada *Placa Mio relaxante*, que recobre uma parte dos dentes, evita desgastes excessivos, protegendo-os e às outras estruturas envolvidas. Esta placa pode ser superior ou inferior.

A preocupação com a higienização deve ser constante, já que essa é uma

medida fácil e sem custo. O uso de escova elétrica deve ser indicado para o idoso, pois facilita os movimentos e, em alguns casos, compensa dificuldades causadas por artrite ou derrames (AVC). O uso de fio dental, sempre antes da escovação, é fundamental, junto com a escovação da língua com a própria escova, ou com raspadores linguais já à venda em farmácias. Isso evita a formação da Saburra Lingual, que é uma placa esbranquiçada depositada na superfície da língua, que causa mal hálito.

Com a diminuição da quantidade de saliva, causada pela perda de células acinosas responsáveis pela sua produção, e o uso constante de medicamentos para controle das patologias (polifarmácia) comuns na terceira idade, a boca fica seca, fenômeno chamado de "Xerostomia", tendo conseqüências graves, como cáries, dificuldades na mastigação, no uso das dentaduras e machucados na mucosa interna bucal, que, fisiologicamente, se apresenta mais lisa, fina e seca, causando um grande desconforto pessoal. Esses fatores podem ser contornados com uso de enxagatatórios bucais e pastas dentais adequados, que estimulam a produção de saliva e até mesmo uso de saliva artificial comprada na farmácia. Pode-se, também, de acordo com o caso, fazer uso de materiais resinosos macios, hoje disponíveis, nas bases internas das den-

taduras, evitando traumas na mucosa, indicado para quem tem reabsorção óssea acentuada pelo longo tempo de uso da dentadura.

Os que usam Prótese Total devem removê-las para dormir, para evitar que haja sobrecarga no suporte ósseo, acelerando sua reabsorção, e para diminuir a contaminação da superfície de resina da dentadura, que fica em contato com microorganismos da boca, conservando-a seca neste período noturno após higienizá-la com água e sabão (de côco) reservado só para isso.

O mesmo pode ser seguido por quem usa Prótese Parcial Removível. Orientações e controles constantes estimulam o paciente a cuidar melhor de seus dentes, melhorando sua auto-estima. Hoje, os representantes da terceira idade demandam tratamentos odontológicos estéticos, pois sua participação social é cada vez maior. A tendência é de que teremos um número maior de dentes presentes na boca e, com isso, esta população buscará cada vez mais profissionais especializados e inteirados dessas novas necessidades.

O envelhecimento vem acompanhado de uma série de doenças crônicas, como hipertensão, cardiopatias, diabetes, artrite, derrames e quadros demenciais. A população brasileira é formada por 30% de pessoas hipertensas e mais da metade destas são idosos, e

apenas 18% têm conhecimento disso e buscam tratamento. Sendo a hipertensão uma doença assintomática, a chance de se ter um paciente hipertenso não controlado na cadeira odontológica é enorme, podendo levar a intercorrências maiores durante o atendimento. Uma boa conversa entre paciente-dentista a respeito do histórico médico, hábitos e medicamentos em uso deve fazer parte da primeira consulta, e anotado em sua ficha.

Há uma maneira adequada de tratar a Terceira Idade não só do ponto de vista do conhecimento multidisciplinar, como também das opções de tratamentos disponíveis para solucionar os problemas apresentados nesta época da vida. Os dentes e suas estruturas adjacentes, gengiva e osso, podem ser hoje, comprovadamente, através de exames laboratoriais, relacionados a doenças sistêmicas, ora agindo como coadjuvante, ora sofrendo com os efeitos colaterais manifestados na boca. Antigamente falava-se: "remova os dentes que você se cura", quando não se conseguia curar determinada doença. Isso devido à alta capacidade patogênica das mais de 300 espécies de microorganismos presentes no epitélio bucal. Desequilíbrios nas estruturas bucais estão interrelacionadas com todos os órgãos e sistemas do organismo, interferindo na melhora do paciente.

A Periodontia trata problemas gengivais e ósseos, que levam os dentes a ter mobilidade seguida de sua perda. Entre 1900 e 1930 ela tinha como conduta básica a extração. Hoje temos alternativas de tratamento chegando a um ponto de sofisticação em que se pode fazer uma investigação microbiológica dos tipos de bactérias, através de exames laboratoriais para eliminá-las, a partir do “biofilme”, uma estrutura pré-placa bacteriana. Essas possibilidades de tratamento proporcionam diagnósticos mais apurados, resultando no sucesso do tratamento.

A doença Periodontal provoca sangramento gengival, levando bactérias da boca para a corrente sangüínea e daí para todo o corpo; são os quadros de bacteremia. Essas mesmas bactérias estão envolvidas no desenvolvimento da Aterosclerose (entupimento de artérias) que, dentre as doenças cardíacas, encontra sua importância por ser a que mais mata.

Assim, a doença periodontal hoje figura como fator de risco para a Aterosclerose. Atualmente, as opções de tratamento são muitas. Hoje, o lançamento de produtos ocorre quase que ao mesmo tempo na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. As próteses livres de metal nos permitem realizar trabalhos estéticos próximos da beleza natural do dente. Os implantes passaram a repre-

sentar uma opção viável de reabilitação com sua evolução, não tendo contra-indicação quanto à idade ou ao fato de a pessoa ter alguma doença crônica, como diabetes, osteoporose e outras, desde que estas estejam controladas. Existem planejamentos bastante adequados para a população de idosos portadores de Prótese Total, em que é feita uma dentadura inferior retida em dois implantes chamada sobre-dentadura, que, apesar de apresentar alguns movimentos, soluciona o maior deles, a falta de estabilidade, onde a prótese pode se soltar quando se dá risada, espirra, boceja, provocando desconforto e insegurança. Além disso, ainda devolve a eficiência mastigatória próxima da dentição natural, permitindo que se coma qualquer tipo de comida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em poucos anos, de cada três pacientes nos consultórios, dois serão da Terceira Idade. O consultório dentário, voltado para este atendimento especializado, deve estar adequado para recebê-los. Acesso fácil, não ter escadas, boa iluminação, pisos que não escorreguem e alças de apoio são alguns dos itens que devem ser considerados.

O atendimento domiciliar é uma opção para aqueles que não podem ir ao consultório, sendo realizado com um equipamento portátil que contém todos os itens de um consultório normal, per-

mitindo a realização de todos os procedimentos odontológicos. Esse tipo de atendimento deve ser feito por profissionais especializados, pois é voltado principalmente para pacientes portadores de deficiências graves que ficam confinados em domicílio/instituições de longa permanência ou hospitais.

A Odontologia possui um papel importante neste novo panorama mundial de longevidade, em que já não é mais normal perder dentes; ao contrário, além de sua manutenção numa cavidade bucal saudável, desempenhando bem sua função, devemos nos preocupar com a estética que passou a ser mais um importante requisito, tudo isso como resultado de um esforço conjunto entre indústria, cientistas, profissionais e comunidade.

Referência Bibliográfica

MEDICINA diagnóstica. Instituto Fleury, 2004. p. 80-90.

THE JOURNAL Prosthetic Dentistry, v. 67 (2): 221-222, 1992.

ACTA Odont Scand, 36 (1):33-41.

EUR J PROSTHODONT Rest Dent 1998, 6 (3):127-32.

INTERNATIONAL Dental Journal, 32: 74-77.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. **Levantamento Básico em Saúde Bucal**. 4. ed. São Paulo: Editora Santos, 1999.

APCD Jornal, n. 567, jul., 2004. p. 14-15.

REVISTA Essencial APCD, Regional Jardim Paulista. nov.-dez., 2004. p. 20-21.

BRUNETTI, Ruy F.; MONTENEGRO, Fernando L. B. **Odontogeriatría – Noções Clínicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

A terceira idade e a condição humana

Juliana Andrade Oliveira*

No Brasil, quando se fala de “Terceira Idade” logo são lembradas as pessoas idosas ativas; mas o termo nasceu justamente para evitar que se fale de velhice. “Terceira Idade” é um termo de origem francesa utilizado para não rotular de simplesmente *velhas* pessoas que tenham acabado de se aposentar. Uma vez que estavam com plenas capacidades para realizar as suas tarefas diárias, tinham boa saúde, sentiam-se independentes e com “espírito jovem”, não poderiam ser identificadas com a mesma designação daquelas pessoas que também não trabalhavam, mas que eram bem mais velhas e, às vezes, com saúde debilitada, e dependentes da família. Assim, inventou-se o termo “terceira idade” para essa nova geração de aposentados, mais jovem (a partir dos 45 anos,

por exemplo): com melhor instrução e renda, já sem o peso das responsabilidades da fase adulta, como criar os filhos ou montar um patrimônio. Isso foi lá na França, país com índices sociais melhores que os nossos, onde há mais condições para uma vida longa, e onde a previdência chegou mais cedo do que aqui. No Brasil, seria possível encontrar uma *Terceira Idade* nos moldes acima?

Essa expressão não foi criada com vistas a hierarquizar as pessoas idosas; quer explicitar uma fase a mais na vida. Assim, a primeira idade seria a infância, a segunda a fase adulta e a terceira esse período que ainda não era a velhice (equivocadamente associada com a senilidade, fraqueza e espera do fim), mas também não mais a fase adulta cheia de obrigações e trabalho.

* Mestranda em Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Tecnologista da Divisão de Sociologia e Psicologia da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho – FUNDACENTRO.

¹ A palavra “homem”, nesse texto, visa designar todo ser humano, seja masculino ou feminino. As considerações feitas por Hannah Arendt e também as nossas referem-se igualmente às mulheres.

Com base na obra de Hannah Arendt (1997), pode-se observar esse período da *Terceira Idade* - se é que realmente é possível considerá-lo assim - como representação de um ideal de vida. Mais do que isso, pensá-lo pode ser, filosoficamente, um momento propício para entender o que faz do homem¹ um ser humano.

I

Para Arendt², homens e mulheres diferenciam-se de qualquer outro ser porque são dotados de humanidade. Não é porque são seres sociais, porque se organizam em sociedade, mas porque possuem a capacidade de criar, de agir imprevisivelmente e de aperfeiçoar qualquer coisa. Viver em sociedade não é atributo do homem; as formigas e abelhas também o fazem, mas o homem é o único ser político. Política, para Arendt, e aqui, é mais do que tomar decisões, mas discutir acerca do mundo, ou o que muitos chamam simplesmente de "filosofar". A política é a ação de discutir idéias, criações, de exposição de si e de seus pensamentos e de troca de histórias. Essa política permite, e dá lugar à diversidade de opiniões e à liberdade de expressão. No mundo onde ela está ausente não há espaço para exercitar um

pensar legítimo e original.

É interessante pensar o homem na *Terceira Idade* de acordo com a perspectiva de Arendt, porque a pessoa que está nessa fase já passou – assim supomos – pelos momentos de construir um lar, criar os filhos e trabalhar, isto é, desempenha cada vez menos funções de sobrevivência e busca agora outro sentido para a vida. Para entender melhor, vejamos, na visão de Arendt, as atividades essenciais da vida do homem.

Sabemos que, para viver, o homem precisa transformar a natureza para seu uso próprio, ou seja, precisa trabalhar. Mas essa ação tem dois sentidos, que Arendt faz questão de diferenciar: o sentido do labor e o sentido do trabalho. O labor são os atos que permitem sobreviver; é o esforço que o corpo realiza para manter-se vivo. O homem que labora (o perfil do homem quando labora) é chamado *animal laborans*, e o seu labor não resulta em um produto acabado, mas sim na satisfação das necessidades vitais mais imediatas. Trata-se, então, de um consumo das coisas do mundo para a saciedade do homem. Já o *trabalho* é aquele realizado por nossas mãos, que se destina a produzir coisas, ou seja, é a fabricação. É exemplo de um trabalho o esforço desprendido por um artista ao

² Ibidem.

fabricar uma obra de arte, ou de um operário que fabrica um carro. *O trabalho resulta num produto acabado.* Quando nos referirmos ao homem que labora, utilizaremos, tal como Arendt, a expressão *animal laborans*, e quando nos referirmos à lógica do homem que trabalha, a expressão será *homo faber*.

O *homo faber* e o *animal laborans* representam duas dimensões da condição humana, mas há outra fundamental que é aquela que o define: a dimensão política. Nos tempos modernos em que vivemos, a dimensão que predomina é a do *homo faber* e do *animal laborans*, e o “lado” político fica apagado. À medida que o avanço tecnológico permite produzir na medida das máquinas, e não das necessidades do homem, e que o *homo faber* transforma tudo o que produz em meios para produzir outras coisas mais, o mundo passa a ser um lugar de produção e consumo, e não de elevação da alma e de reflexão. Tudo se transforma em alvo do *animal laborans*. O homem moderno busca, então, como fim último, a felicidade, entendida como a possibilidade de consumir tudo o que se deseja com o mínimo de esforço, ou melhor, de trabalho e labor, diferentemente do homem de ação que não tem a exigência da felicidade e nem do consumo, mas apenas a da evolução da sua humanidade por meio do exercício da política.

Sob essa ótica, a “Terceira Idade” pode ser observada como o resultado de uma vida que se dedicou ao trabalho e que busca agora a felicidade. Mas antes de apresentar tal assertiva como uma afirmação, cabe indagar: o homem moderno, ao caminhar para a reta final da vida, ou o seu último período, livre da luta pela sobrevivência por meio do trabalho, pára de agir como um *homo faber*? Como vive o homem moderno depois do seu período de *homo faber*, de trabalho? Que atitudes resultam dessa visão de mundo combinada com a chegada da velhice?

II

A velhice foi, por muito tempo, e em algumas sociedades ainda é, um período de sofrimento o qual é evitado o máximo possível, ainda que isso seja impossível. O velho na sociedade capitalista ainda é tido como um fardo a ser carregado por aqueles que têm força de trabalho para vender, ou meios de produção. Numa sociedade na qual o *homo faber* é preponderante, aquele que não pode fabricar, nem trabalhar, já não serve. Por isso, durante muito tempo, especialmente no período em que os velhos operários ainda não tinham aposentadoria e nenhum tipo de previdência social, os velhos foram (e ainda são) um grupo deixado à margem pelas principais insti-

tuições sociais de poder (a exemplo da família, do Estado e do mercado).

Recentemente, no entanto, os idosos têm sido alvo de maior atenção por parte da mídia, do mercado, das políticas públicas (um exemplo é o Estatuto do Idoso, que só em janeiro de 2004 foi promulgado) e até da Academia. Têm sido não só notados, mas visados, ganhando um público específico de pessoas “especializadas” neles. Os gerontólogos que surgiram nos anos 60 já não estão sozinhos no cuidado aos idosos e são agora acompanhados por um complexo de atividades direcionadas a captar esse nicho de mercado que se desenvolve. A própria “Terceira Idade” como estilo de vida vem dessa maior atenção, como vimos.

Em entrevistas feitas com pessoas com 60 anos ou mais, no entanto, constatamos que atualmente essa denominação, na maioria das vezes, é rechaçada, mas não é nosso objetivo avaliar se esses sujeitos são ou não da “Terceira Idade”. Nesse texto, “Terceira Idade” é tomada como uma denominação para um estilo de vida variável em muitos casos. Opta-se pela utilização do termo para designar pessoas com condições sócio-demográficas e econômicas semelhantes e suficientes para que não dependam de terceiros ou de trabalho remunerado. Além disso, este é o termo que está popularizado, e isso já é

uma característica do que queremos estudar. É mister, entretanto, indagar em que medida o que chamam de “Terceira Idade” é mesmo um “estilo de vida” delineado pela sociedade de consumo, como se fosse mais um de seus repertórios de valores. Até que ponto é a “Terceira Idade”, e a recente visibilidade dos idosos enquanto um grupo social, uma conquista (através da aposentadoria, dos fundos de pensão, do aumento da longevidade e de uma postura cidadã), um produto lapidado pela “gerontocracia” (tipo de discurso médico normativo sobre como a velhice deve ser vivida, e vendido por um mercado que vê nessa “terceira idade” um crescente filão de consumidores).

Seja como for, algo se pode concluir: a velhice está cada vez mais pública; está exposta nas ruas e é discutida por pessoas de todas as idades e classes sociais. Na cidade de Santos (SP), por exemplo, as estatísticas dão conta de que 15,7% de sua população têm mais de 65 anos (no Brasil a média é de 8,56%). Saúde, disposição, facilidade de locomoção através do transporte público gratuito, proximidade entre os lugares, terreno plano e clima ameno favorecem a circulação dos idosos no espaço público intra-urbano dessa cidade. Será isso que leva a cidade de Santos a ter a impressionante proporção de idosos que tem?

III

Entrevistamos algumas pessoas nessa faixa etária na orla da praia de Santos. Parece evidente, nessas entrevistas, que são os fatores mencionados acima os que atraem os idosos para a cidade, pois assim eles podem “sair de casa e ver o mundo lá fora” tranqüilamente... Em outras, a solidão aparece e sugere que eles saem em busca da companhia dos outros, e de gente “jovem e bonita”. Os motivos são variados, mas é certo afirmar que na cidade de Santos o idoso passa grande parte do seu dia fora de casa, em espaços públicos, sendo muitas vezes essa possibilidade de participar de coletividades, algo que os atrai para a cidade. É um envelhecimento que leva o idoso para a rua, à vista de todos, e não nos cantos e quartos da casa.

Dona Estela³, que foi morar nessa cidade a contragosto (por insistência do marido doente que precisava de repouso e tranqüilidade), resolveu continuar na cidade depois que ele morreu. Para se recuperar da grande tristeza, iniciou atividades na Igreja que ficava a uma quadra de seu prédio (que também fica

a uma quadra da praia). Lá começou a trabalhar como voluntária nos serviços de ajuda à comunidade, conheceu outras pessoas, e foi convidada para fazer trabalho voluntário em outros lugares. Pedagoga e formada em educação artística, ela continuou exercendo a profissão em um curso de alfabetização de adultos e numa escola para excepcionais. Descobriu que havia uma Faculdade da Terceira Idade perto de sua casa e resolveu experimentar. Fez amigos e agora tem bastante companhia para passar o tempo e somente duas noites livres de compromissos durante a semana. Os filhos pedem, mas ela não quer voltar a morar em São Paulo, na capital. Dona Estela reúne as características da “terceira idade”: vida ativa, dedicada a fazer o que gosta, com uma renda que lhe permite viver sem dificuldades, advinda da aposentadoria e da pensão do marido, e tem nível de escolaridade de terceiro grau. Mora perto da praia⁴ e tem amigas e amigos que realizam as mesmas atividades que ela, o que nos permite visualizar um grupo de idosos com atividades próprias que os caracterizam. Há também aqueles que são vis-

³ Os nomes dos entrevistados são fictícios.

⁴ Em minha pesquisa de mestrado, estudo o espaço intra-urbano de Santos e a presença de idosos. Aqueles saudáveis e com boas condições de vida concentram-se predominantemente na praia, pois lá é que gostam de passar o tempo.

tos como pessoas da “Terceira Idade”, mas negam a *alcunha* porque não querem ser identificados pelo mesmo nome daquelas pessoas “aparecidas e exibidas”. O Sr. Luís, que frequenta o Serviço Social do Comércio (SESC) como cadastrado da Terceira Idade, diz que “a Terceira Idade é o ‘Ó’”:

- Não, não me considero da ‘Terceira Idade’ porque essa ‘Terceira Idade’ é muito recordista, recorda demais... nostálgica... eu não gosto do cheiro de velho... eu sou jovial, faço bastante exercício.

Perguntado sobre suas atividades, contou:

- Minhas atividades? SESC! Chego aqui 11h e vou embora 19h. Adoro o SESC! É a minha segunda casa, pra não falar que seja a primeira. Eu falo que eu moro no SESC e de vez em quando vou pra casa.

[...]

- E o que o senhor faz por aqui?

- Nado.

- O senhor começou a nadar agora ou sempre nadou?

- Sempre nadei, desde os 18 anos. Eu competia em natação em São Paulo. Sempre pratiquei esporte.

- Quais os lugares que mais frequenta?

- Não vou à praia de jeito nenhum. Só vou dia de segunda feira porque o SESC está fechado. O SESC é maravilhoso, gostaria de fazer um elogio ao diretor. Isso aqui é melhor que a minha casa. Só tenho elogios.

- O senhor não vai a outros lugares?

- Só vou a outro lugar quando tenho que pagar aluguel, luz, só quando tem que fazer alguma comprinha... e tem que ser de manhã cedo ou à noite, porque de dia eu estou aqui no SESC.

O Sr. Luís, assim como Dona Estela, vieram de São Paulo para viver em Santos e moram sozinhos. Pode-se notar que o cotidiano de ambos está configurado pela busca de atividades que proporcionem sociabilidade. Mesmo não se constituindo num grupo homogêneo, e rejeitando rótulos generalizantes há, a nosso ver, uma busca do coletivo, ou do sentimento de pertencimento a um coletivo, e da recuperação do sentido de comunidade. Como disse Dona Lourdes, *daquele tempo pra cá, muita coisa mudou*:

- [...] muita! Muita diferença!

- O que mudou?

⁵ Centro de Convivência da Terceira Idade, da Prefeitura Municipal de Santos.

- Naquele tempo, as pessoas se conheciam mais, tinham mais amizade, tinham mais 'tempo de família', participavam mais de família. Agora não, é muita atividade, todo mundo corre pra tudo, então, embora todo mundo faça muita coisa, o mundo tem mais solidão. Não é o meu caso, hein... É muita coisa junta, muita informação e aí as pessoas não são mais aquela amizade de ir lá, tomar um chazinho, dificilmente... a menos que vá para um CECOM⁵, assim, esse grupo da Terceira idade, aí sim, aí é diferente, mas como não freqüento o grupo....

Dona Gilda, ao reclamar da falta de tempo de família, ainda está falando de esfera privada, do que chamamos de "nossa vida particular". Todo o seu incômodo (a excessiva dedicação à vida profissional, material, econômica em detrimento da dedicação aos nossos) pode ser vista como um excessivo peso dos deveres e tarefas sociais sobre a esfera da intimidade – esta, sim, as pessoas não cultivariam mais umas com as outras. No entanto, ao reclamar da falta de diálogo entre as pessoas, já passamos para um espaço de discussão, de exposição de opiniões, o mundo do qual fala Hannah Arendt. E esse mundo já é o começo de uma esfera pública.

O espaço intra-urbano (as ruas, calçadas, o espaço interior da cidade), além de ser o espaço da vida cotidiana da população é, fundamentalmente, o es-

paço público urbano no qual as pessoas se encontram. Os encontros acontecem com finalidades diversas, privadas ou públicas, ou então são apenas ocasionais, de pessoas que, por coincidência, freqüentam o mesmo espaço como os idosos e os surfistas. A dinâmica do espaço intra-urbano, principalmente um espaço, como o de Santos, pelo qual é fácil e barato circular, é facilitadora de pequenos espaços públicos de discussão que se fazem e desfazem a todo momento, a cada encontro, e que, às vezes, persistem quando afinidades são encontradas entre os seus freqüentadores. Parece ser assim com os aposentados que jogam damas na praça do canal 3 ou com o pessoal dos "CECOMs". Um encontro ocasional faz com que aconteçam vários outros encontros marcados...

A "Terceira Idade", em nosso entendimento, goza da centralidade que falta à velhice porque tem condições e vontade de se fazer visível nesse espaço público. Estão aí a possibilidade e os elementos para a formação de um mundo público entre as pessoas mais velhas e a sociedade como um todo. Mas como se coloca a "Terceira Idade" nesse espaço? A "Terceira Idade" tem uma opinião sobre o mundo que a cerca? Os indivíduos que vivem esse momento de vida preocupam-se com o mundo? Preocupam-se em opinar e saber o que está

acontecendo? Eles expressam essa opinião? Tornam-na pública?

Nas entrevistas realizadas perguntei sobre as suas atividades diárias, o que achavam da vida na “terceira idade” e se havia alguma parte ruim na velhice. O Sr. Aquino trata de se divertir: passeia na praia, toma cerveja com os amigos, joga dominó, sueca etc. Frequenta as mesas do canal 3 há seis anos e viaja bastante com um amigo que é caminhoneiro. Essas atividades são as que preenchem a maior parte do seu dia.

Já o Sr. Mauro, de 70 anos, além de lecionar em dois colégios corre na praia sempre que dá (geralmente de manhã), lê muito, vai ao cinema, passeia no Gonzaga e de vez em quando vai a bailes. Vai geralmente de carro ou a pé, mas aproveita o direito do ônibus gratuito também. Difícil dizer que ele está na tão chamada “Terceira Idade”, uma vez que trabalha, mas podemos assim considerar porque ele trabalha por opção.

Dona Célia, de 73 anos, vai poucas vezes à praia, apesar de morar perto. Ela diz que não tem o costume, mas às vezes vai para tomar sol devido a recomendações médicas. É dona de casa e costuma fazer mais “as atividades do lar”. Depois da morte do marido aproximou-se mais da Igreja. Para ela, “a melhor coisa de estar nesse período da vida é a tranquilidade com horário, com filho...”.

Dona Estela, com 68 anos, vai à praia e ao supermercado de manhã, à tarde, para a faculdade, e à noite faz trabalhos voluntários e vai ao grupo de oração da Igreja. Ia com frequência à academia, mas o médico aconselhou parar.

Não é possível traçar um perfil único para a “Terceira Idade”, mas é possível perceber algumas características comuns. Há em todos os entrevistados a busca pela alegria, pelo prazer, diversão, sociabilidade, vaidade, beleza e, principalmente, pela jovialidade. Numa primeira olhada, fica até difícil estabelecer se a “Terceira Idade” resulta da sociedade de consumo ou foi posteriormente por ela influenciada ou apropriada. Nas entrevistas é possível perceber também que a demonstração das virtudes humanas não está incluída no que eles entendem por política. Quando perguntamos a alguns deles sobre política, o sentido que têm dessa palavra é mais próximo do sentido clássico moderno, aquele de disputa de poder - quando não expressam, na maioria das vezes, concepções estereotipadas e pessimistas da política (algo que corrompe o ser humano no seu lado ético e moral). Sr. Aquino: “Voto por obrigação, mas não gosto. Político é ladrão!” Sr. Luís: “Não voto há cinco eleições!” Dona Gilda: “Sempre voto, né? Sou obrigada. Só porque sou obrigada. Num gosto de político. São todos uns mentirosos”.

Dona Estela: “Voto, mas se pudesse, não votaria. O problema são os políticos do Brasil”.

Política como um fardo indesejável: é assim que o ser humano que vive nesse período que chamamos de modernidade a vê. Essa visão sobre política é a mais comum, desde que a Revolução Francesa disseminou um conjunto de idéias cujo valor máximo a ser buscado é a felicidade através da igualdade, liberdade e fraternidade. Diferente do homem da civilização grega, que prezava pela “vida pública”, pelo pensar e pelo criar e que queria vaidosamente ser admirado por suas qualidades. Felicidade, na sociedade moderna, é freqüentemente traduzida por poder de consumo, ou outros sonhos realizados na esfera privada; e a política (para esses idosos, aqui nossos representantes do homem moderno) é uma constrangedora necessidade a que a sociedade precisa submeter-se. Uma ação que, mesmo tendo que ser realizada na esfera pública, acaba sendo “decidida” na esfera privada (cargos para parentes, mandos e desmandos de coronéis, suborno, *lobbies* etc.). Nesse ínterim, desvaloriza-se, assim, tudo o que é público por, de certa forma, tocar o político e, por isso, não tocar necessariamente, de maneira legítima, ninguém.

Ao que parece, esses idosos, de maneira geral, buscam o valor máximo

que podem encontrar na vida, e esse valor é a felicidade. Por isso buscam o lazer e não a política. A política pode ser um mundo de dilemas éticos, lutas, além de ser algo dispendioso, que demanda trabalho regrado. Esse trabalho é o que muitos não querem mais, não mais. Entretanto, ao conquistarem visibilidade e se imporem nesse espaço público, criam o espaço para a política, e na medida em que discutem suas condições de vida, seus desejos, e buscam adaptar o lugar no qual vivem às suas necessidades e demandas específicas, fazem política, discursam, agem, ganham existência pública e política, ainda que pensem na política de outra forma.

Quando percebem que há um espaço para eles, e que eles são ouvidos, sentem-se mais à vontade para agir e colocar-se nesse mundo público. Um exemplo acontece quando juntam forças e votos para eleger candidatos a prefeito que proporcionem atividades de lazer para eles em pontos acessíveis da cidade, ou quando fazem abaixo-assinados para que haja bloqueios legais ou tributários para estabelecimentos de diversão na orla (onde a maioria deles reside) e haja incentivos de sua mesma natureza para que os mesmos estabelecimentos se instalem no centro da cidade. Ainda que não seja com os propósitos e com o sentido original da política grega - que pertenceu a outra época e

outra sociedade - estão criando oportunidades para recuperar a dimensão exclusivamente humana, a dimensão política.

A "Terceira Idade" pode estar impregnada de sociedade de consumo e até mesmo ser impulsionada e apropriada pelo discurso mercadológico daqueles que querem ganhar dinheiro com esse nicho de mercado, e pode ainda estar sendo balizada por uma "gerontocracia" que dita regras de conduta. Mesmo assim, há, na mesma "Terceira Idade", guardados na memória de cada "jovem idoso", os elementos para a criação e manutenção de uma esfera pública, isto é, de um espaço para expor opiniões acerca do mundo e de discussão permanente sobre essas pessoas que construíram a sociedade em que vivemos hoje e na qual viveremos amanhã.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1995.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção do envelhecer**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1999.

EUFRASIO, Mario Antonio. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NERI, Anita; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. Anita. Velhice bem sucedida e educação. In: DEBERT, G.; NERI, A. **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

NESE – Núcleo de Estudos Sócio-Econômicos da UNISANTA. **Pesquisa de emprego e desemprego**. Santos, SP, mar. 2003.

_____. **Pesquisa de orçamento familiar**. Santos, SP, 2003.

BARROS, Miriam M. Lins (org.) **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VERAS, Renato P. (org.) **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. UnATI/UERJ. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel; Lincoln Institute, 1998.

Aprendendo com a morte

Evani Moreira Pedreira dos Santos*

*Pensar sobre a morte é se declarar vivo.
E se estamos vivos, também poderemos ser úteis*
(CASORLA)

Com o mote que inicia o texto, tentamos a concordar que todos nós temos necessidade, ainda que não manifesta, de compreender que, em algum momento da vida, haverá um término. A morte foi (e continua sendo), ao longo da história do homem, tema central das diversas culturas, constituindo-se como um dos seus grandes desafios. Com esse entendimento, há uma clara necessidade de revermos valores éticos e morais, tão discutíveis no momento, para que, através da morte do outro, possamos aprender.

Evidentemente que a sociedade moderna, pela sua dinamicidade e consumismo, não deixa muito espaço para essa reflexão, nem mesmo por parte daqueles que, de certa forma, estão mais próximos dessa realidade, por força da opção profissional. De outro lado, diferentes sociedades encaram a morte

como um fim irreversível e, por isso, é experienciada com sofrimento, dor e sentimento de perda.

Nessa perspectiva, a idéia aqui não é questionar as diferentes formas de morrer, mas considerar a finitude como limite de todo ser humano, como realidade de todo ser vivo. Mas além de considerá-la como limite, é importante realçar, também, o “lugar” que essa finitude ocupa no imaginário social e, em especial, junto àqueles que, diariamente, por força dos papéis que desempenham, propõem-se a zelar pela vida, sempre: a princípio, os profissionais da saúde, embora se possa estender tal compreensão a outros profissionais, especialmente considerando o entendimento de Heidegger (2003)¹ de que estamos sendo uns com os outros no cotidiano das nossas realidades. Em

* Professora Assistente, UESC/DFCH - Núcleo de Estudos do Envelhecimento, 2005.

** CASORLA, R. (coord.) **Da Morte**. São Paulo: Papyrus, 1998 (Estudos Brasileiros).

¹ HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

outros termos, isto significa que a compreensão do ser humano para a questão da finitude não diz respeito apenas às profissões, mas ao convívio.

A noção heideggeriana de que estamos sendo uns-com-os-outros indica que também estamos sendo para a morte. Essa é a grande experiência para a qual, ao longo do viver e com-viver, todos nós podemos nos preparar: aprender a morrer. Ao lado do aprendizado da morte como fenômeno da vida, a valorização do ser, do ser-aí, toma um significado que pode afetar as diferentes interpretações do morrer, porque consequência dos vínculos culturais.

○ cultivo dos relacionamentos intersubjetivos, principalmente com pacientes terminais, traz, ao fazer cotidiano do profissional da saúde, grandes desafios, até porque seu comportamento e suas atitudes podem influenciar não só aquele que está sob seus cuidados, o doente, mas sua família. É como se ao profissional da saúde fosse conferida maior elasticidade nos relacionamentos, o que se pode traduzir em mais responsabilidades e compromissos.

○ sentido relacional vida-morte im-

põe que haja interconexão e esta deve ser aprendida e apreendida para uma real percepção não só do tempo que se vive, mas da confluência dessa relação num determinado espaço-tempo. Embora a física moderna nos ensine que “a duração da vida é irrelevante, porque, na natureza, o tempo não flui de forma linear” (DOSSEY, 2000)², a meta da ciência médica e do setor de saúde é adiar e combater a morte. Trata-se, como quer Castells (1999)³, de uma repulsa da morte, por parte do profissional de saúde, e da implacável vontade de rejeitar o inevitável.

Por outro lado, a própria organização da natureza impõe o que Maturama (1995)⁴ considera *autopoiese*, uma rede de auto-organização do ser vivo ou, em outros termos, uma compreensão da organização do mundo exterior como algo inscrito dentro de cada sujeito. Com isso, o ritmo cósmico, aquele que regula os ciclos da natureza, o ciclo da vida, está também impresso em cada célula do nosso organismo. Assim, “o que nasceu é preciso que ceda o lugar ao que há de nascer. E toda essa ordem de seres transeuntes decorre à maneira de um rio” (SANTO AGOSTINHO, 2000)⁵.

² DOSSEY, Larry. **Espaço, tempo e medicina**. São Paulo: Cultrix, 1982.

³ CASTELLS, M. O Limiar do Eterno: tempo intemporal. In: _____. **A sociedade em rede – a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

⁴ MATURAMA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

⁵ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Assim sendo, convém entender, nesse processo, a verdade de todo ser vivo enquanto possibilidade: a vida é um *continuum*. O começo é o fim para Maturama (1995)⁶; é como se, na circularidade do mundo, da vida, houvesse sempre um ponto de encontro. Portanto, o intervalo, o período vivido constitui o tempo-espaço para sermos úteis, mesmo em momentos traumáticos como aquele em que a vida finaliza, vai embora.

Em pesquisa realizada junto a profissionais da saúde, particularmente entre estudantes e profissionais de enfermagem, ficou constatado que o sofrimento causado pela morte, a perda, só é amenizado pela crença, pela fé, pela religiosidade das pessoas, embora o resultado da pesquisa também permitisse refletir sobre o campo da afetividade, envolvendo sentimentos e emoções. No campo religioso os entrevistados conferiram à fé um meio de sustentação, e até de aceitação, para o enfrentamento da dor e do sentimento de perda⁷.

A religiosidade, na compreensão dos

entrevistados, aparece como promotora da paz e capaz de amenizar o sofrimento, algo em que se pode acreditar para “anestesiá-la” a dor. É a fé servindo de amarras para impedir o espírito de debandar, de ficar à deriva ante a tempestade da vida, como diz Luis Rosa (1959)⁸ em sua linguagem poética. Esse é, portanto, o momento em que se exercita o ato de rogar, de suplicar, quando a prece adquire, para amenizar o sofrimento, um significado social mais forte e o ser humano se investe de algo muito maior, transcendendo sua unidade corpo/mente, elevando-se além dos atos profanos.

O fato religioso é um elemento determinante do social e se constitui como base das representações construídas no cotidiano. Assim, inegavelmente, pode-se entender o valor da crença religiosa para relativizar e ajudar no entendimento da morte, daí as caracterizações pelas cerimônias, pelo culto, pelo ritual, tão necessários ao “fechamento” desse fato (DURKHEIM, 1989⁹; WEBER, 1989¹⁰).

⁶ MATURAMA, obra citada.

⁷ Faz-se aqui uma ressalva para que se entenda religiosidade como atividade pertinente a cada pessoa ou grupo social que professa uma religião, e cuja comunicabilidade comum possa no momento da morte de alguém auxiliar principalmente os parentes daquele que morreu. Há sempre os que ficam e que precisam de auxílio.

⁸ ROSA, Luis. **O despertar**. Itabuna, BA: Editora Grapiúna, 1989.

⁹ DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

¹⁰ WEBER, M. **Conceitos básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1989.

Como é possível perceber, o fenômeno social religioso e o fenômeno social da morte identificam-se para o equilíbrio e/ou compreensão desse momento crucial, o morrer, conforme indicaram os profissionais desta pesquisa. Evidentemente, não é fácil invocar ações espirituais num mundo de aparências, em que os meios de comunicação comandam, de certa forma, o comportamento humano, condicionando, criando necessidades, principalmente formando novos valores, até de insegurança, quando atingem o imaginário social, legitimando as práticas de consumo, beleza e lucro.

Os meios de comunicação fazem com que toda a cultura dance conforme sua dança: ditam padrões, promovem ou desmoram estilos, modas, jeitos de ser e de falar. Moral, ética, comportamento, padrões, que antigamente eram ditados pela igreja e depois o foram pelos filósofos, são hoje determinados pelo apresentador de telejornal, pelo jornal e pela revista monopolista (MARCONDES FILHO, 1998).¹¹

Dessa forma, o monopólio comunicacional cobre com o manto imaginário toda a sociedade, inclusive suprimindo, impedindo, vulgarizando fa-

tos e situações que contrastam com o interesse e lucro do momento.

Com esse cenário, tanto a nossa sensibilidade, quanto a linguagem vão se tornando mais difíceis de serem traduzidas pelas virtualidades eletrônicas. Compreendendo essa configuração, é possível entender por que o tema da morte é considerado de péssimo gosto por muitos, e sua abordagem necessita também superar as angústias dos humanos. A questão é saber se isso é possível, numa era comunicacional em que a arrogância e o prestígio são fundamentais, e o homem, este ser-aí, torna-se incapaz de reduzir o lucro a seu deus, e lembrar que, a cada momento, está-sendo-para-a-morte.

Naturalmente que a compreensão e aceitação da morte encontram dificuldades de toda ordem; a própria explicação proposta pela *criogenia* não deixa de ser uma forma de suprimi-la e/ou escondê-la. O comportamento de livrar-se logo do cadáver, suprimindo um ritual tão importante para os que ficam, é outra forma simulada de negá-la. Mas admitindo-a como possibilidade humana, talvez o único caminho seja o da educação. Admiti-la presente a partir do nascimento pode ser uma forma de suavizar a perda.

¹¹ MARCONDES FILHO, Ciro. **Cenário do novo mundo**. São Paulo: NTC, 1998.

Questionando sobre a educação para a morte, a pesquisa realizada sinalizou que 90% dos entrevistados asseguraram vantagens, principalmente no que diz respeito ao equilíbrio emocional dessa “experiência” da qual ninguém pode fugir. Essa posição encontra ressonância em Morin (1999)¹², quando assegura que a humanidade vive em permanência sexual, não se podendo esquecer também que é através da morte que esta mesma humanidade se renova.

Naturalmente que a renovação da sociedade se dá não só em razão da presença de novas gerações, mas também a despeito de certas influências promovidas por aqueles que já morreram e deixaram suas “marcas” na sociedade. Tudo isso nos assegura o vínculo, a permanência social, a continuidade e a renovação. Assim, não se tem dúvidas da necessidade de se questionar a morte pedagogicamente, como processo natural da vida.

Retomando o discurso heideggeriano e situando a educação como fenômeno social que se desdobra a partir do ser-ai, os homens estão-sendo-uns-com-os-outros; logo, a “educação é algo exten-

sivo a todas as nuances da existência”. Assim, assevera Heidegger (2003):¹³

educar é o espaço onde os homens estão sendo uns com os outros. Se a educação implica a relação homem-homem como relação básica, isto já nos está dizendo que se trata da relação dos homens entre si e não dos homens com outros entes que não ser-ai também.

A educação, portanto, é extensiva a todas as situações da existência, estendendo-a para toda a vida, até a morte, e abarca todas as instituições sociais.

Recorrendo ao *Relatório Delors* (1998)¹⁴, documento publicado pela UNESCO e que norteia o mais completo trabalho para a Educação, deparamo-nos com os pilares de uma construção social e educacional que conduzem à valorização, formação da personalidade humana e fortalecimento da sociedade. Dentro da mesma linha, outro documento que oferece base de sustentação para defender a educação para a morte é *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (MORIN, 2000)¹⁵, também sob a chancela da UNESCO. Nes-

¹² MORIN, Edgar. Obra citada.

¹³ HEIDEGGER, M. Obra citada.

¹⁴ DELORS, J. **Educação – um tesouro a descobrir**. UNESCO, 1998.

¹⁵ MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Corty, UNESCO, 2000.

se documento, é possível destacar que o tema se vincula à condição humana sendo, portanto, um conhecimento pertinente.

Naturalmente que a educação também abrange e sustenta o sistema tecnológico. É esta revolução tecnológica constitui a base para profundas mudanças, inclusive da comunicação em vários níveis de conhecimento e circunstâncias da vida, e também da percepção humana. É o que Castells (2000)¹⁶ chama de sociedade em rede. Esta sociedade em rede imprime novos ritmos à vida social, novos modelos, sejam eles sagrados ou piaculares.

O fenômeno social morte está evidentemente vinculado à condição humana; por isso mesmo, é pertinente à educação, uma vez que a educação, como a admitimos, implica um estar-com-os-outros num processo de diferentes momentos de toda nossa existência. Assim, fazendo eco com diversos autores,

situamo-nos com o que diz Cassorla (1998)¹⁷.

Consideramos procedente a necessidade de educação para a morte, apontada por alguns autores na literatura consultada. Nesse sentido, as pessoas que lidam com o humano precisam ser preparadas, tanto no âmbito familiar, quanto em termos de formação profissional para entenderem a morte como possibilidade que atravessa a existência e pode, portanto, surgir a qualquer momento.

Enfim, se entendermos que nosso nascimento foi importante, perceberemos que a nossa morte também será. Evidentemente, o espaço intermediário — a vida na terra — deverá ser útil para demonstração de que tudo vale a pena. A vida é importantíssima, também, para ensinar sobre a morte. É preciso aprender, aprender sempre, não só na vida e com a vida, mas também, com a morte.

¹⁶ CASTELLS, M. Obra citada.

¹⁷ CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Da morte**. São Paulo: Papirus, 1998 (Estudos Brasileiros).

Os esquecidos sociais: idosos em casas asilares

Fernanda Silva d'Alencar*

Embora de conceituação polêmica, pela complexidade que incorpora, a velhice é, dentre outras dimensões da vida, uma fase também marcada por processos degenerativos que tendem a modificar o comportamento das pessoas e excluí-las, muitas vezes, das atividades sociais produtivas¹, acentuando as transformações, sejam elas de caráter psicossocial ou corporal, com percepção negativa.

Mesmo sendo um momento da vida em que ocorrem diversos agravos à saúde, por múltiplos motivos, inclusive de ordem genética, o idoso carrega estereótipos que acabam interferindo na sua auto-aceitação e auto-estima.

Embora esses aspectos não sejam independentes, o processo de envelhecimento não pode ser associado ou linearmente vinculado à doença,

tampouco pode ser considerado incapacitante.

Para uma sociedade pautada na valorização do novo, da juventude, beleza e estética, o indivíduo com o corpo transformado pelas naturais alterações do processo de envelhecimento, através do surgimento de alterações de pele evidenciadas pelas rugas e manchas, deambulação, mobilidade e outras funções diminuídas, o corpo velho não é visto apenas como um corpo, mas também como um pacote de atributos estigmatizantes a respeito da personalidade, do papel social, econômico e cultural do que é ser velho². Dentro dessa percepção, o velho é considerado tal qual se apresenta na conceituação de FERREIRA (1988)³: *que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, desusado, antiquado, mal desenvolvido,*

* Enfermeira, Especialista em Gerontologia Social. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2005.

¹ REY, Luis. **Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. p. 895.

² MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. b

³ FERREIRA, A. B. de H.

atrofiado, rudimentar.

Em uma sociedade que define seus valores em função da produção e do consumo, o idoso é considerado como aquele que não gera mais lucro; pelo contrário, gera despesa e acaba por se transformar num fardo. Essa concepção, associada ao entendimento comum da velhice, acaba influenciando atitudes de exclusão social e familiar para com esse idoso, que passa a contar, então, com as organizações asilares como único suporte para sua sobrevivência.

Essas organizações têm um histórico de albergar pessoas doentes mentais e portadores de Hanseníase⁴, sendo denominadas de manicômios e leprosários. Eram locais criados para manter esse público específico à margem da sociedade, sem contato com esta, caracterizando um ambiente de isolamento. Devido ao albergamento de pessoas com tais problemas de saúde, essas organizações adquiriram conotação negativa por parte da sociedade, sendo hoje alvo de estigmas e preconceitos por diversos grupos sociais.

Assim, estar albergado, ou asilado, tem significado, na maioria das vezes, perda de contato com a sociedade e com

a própria família. Esta situação faz com que velhice e asilo, juntos, traduzam desamparo, esquecimento, solidão.

Objetivando perceber como se sentem os próprios idosos asilados, buscou-se detectar aspectos da auto-percepção que constroem idosos de uma organização asilar da cidade de Itabuna, Bahia. Utilizou-se como instrumento de pesquisa a observação direta e a entrevista não-estruturada com seis idosos. Na fala dos mesmos, foi possível perceber a construção negativa da sua auto-estima, da auto-imagem, e do sentimento de abandono.

A Pessoa Idosa e o Esquecimento Social

Embora a Política Nacional do Idoso priorize o atendimento oferecido pelas famílias em detrimento do atendimento asilar, as casas de repouso e os asilos constituem alternativas de cuidados para aqueles idosos que, por várias razões, não vivem em suas residências (LEMOS; MEDEIROS, 2002)⁵.

Para Angerami-Canom (1999)⁶, o envelhecimento torna o isolamento in-

⁴ Doença conhecida como lepra.

⁵ LEMOS, Naira; MEDEIROS, Sônia Lima. Suporte social do idoso dependente. In: Freitas, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

⁶ ANGERAMI-CANOM, Valdemar Augusto. **Solidão: a ausência do outro**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

dividual uma realidade das mais agudas. As perdas sucessivas – físicas, emocionais, sociais, dentre outras –, que acompanham o processo de envelhecimento, forçam o idoso a adaptar-se a essa nova realidade, num enfrentamento para o qual, na maioria das vezes, não se preparou ao longo da vida. Isso é caracterizado primariamente por idosos que coabitam, esquecidos pela sociedade e pelas outras gerações, como é o caso dos “asilos para velhos”.

Nesse ambiente, é possível observar que grande parte dos residentes fica só, nos cantos ou deitados nas camas, olhando para o teto, “esperando o tempo passar”. A chegada ao espaço já é impactante, pois não conhecem ninguém, vão dividir espaço de moradia e de privacidade com desconhecidos, sem contar que, na maioria das vezes, são deixados de forma enganosa pelos próprios parentes com promessas de que os visitarão semanalmente ou que virão buscá-los em breve.

Embora não se possa relacionar a solidão como estereótipo apenas com pessoas idosas (MONTEIRO NETO; BARROS, 2001, p. 73)⁷, vários outros estudos e até mesmo o senso comum

afirmam que, na velhice, a solidão pesa. E por que? Em primeiro lugar porque “[...] a solidão resulta de deficiências nas relações sociais da pessoa só...” (MONTEIRO NETO; BARROS, 2001, p. 72); em segundo lugar porque é exatamente na velhice que as interações e os vínculos sociais tendem a ser reduzidos. Não é apenas um sentimento; é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de “ser velho” em nossa sociedade - (BARRETO, 1992)⁸. Essa solidão vai manifestar-se de modo significativo na estima diminuída, na desvalorização da auto-imagem, no desgostar-se, no ver-se inferior; mas, especialmente, no afastamento dos familiares e amigos, cujos relacionamentos foram construídos nas fases pretéritas da vida.

Além disso, a falta de ocupação, a espera da passagem do tempo, percebida pelos horários de refeição, pelos horários de banho, fazem com que esse idoso perca a motivação, a satisfação de viver. Pela categoria corpo, por exemplo, o idoso reflete a não-aceitação e a abominação de si próprio, como está explícito na manifestação seguinte, de um idoso do qual nos aproximamos para conversar:

⁷ MONTEIRO NETO, Félix; BARROS, José. Solidão em Diferentes Níveis Etários. In: **Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, RS, v. 3, p. 71-88, 2001.

⁸ BARRETO, Maria Lectícia. **Admirável mundo velho**: velhice, fantasia e realidade social. São Paulo: Ática, 1992.

*o que é que você vem fazer aqui...
conversar com velho? Velho é feio, as-
susta.*

Ou, ainda:

*não gosto de ver ninguém e nem que
ninguém me veja.*

A identidade do velho e o fato de se associar velhice à doença estão enraizados nos valores de alguns deles, reproduzindo a maneira como são vistos no próprio asilo:

*ser velho e doente é o mesmo que
pertencer a uma parte do lixo, porque
fica esquecido, desacreditado;*

não é mais viver, é vegetar;

*é sofrer e esperar a vontade do Todo
Poderoso.*

É interessante atentar para a observação feita por Monteiro Neto e Barros (2001, p. 72), de que “a solidão é vista mais como representando insatisfação com o número ou a qualidade dos contatos que uma pessoa tem do que com a ausência total de contato social”. Sem dúvidas, não se pode afirmar que no Asilo não haja contatos sociais, até porque há servidores (embora nem sempre disponíveis para conversar, trocar idéias), e há visitas sempre. A questão pode estar exatamente na qualidade do contato es-

perado pelo idoso, na expectativa criada em torno do desejado contato; grande parte deles leva meses e meses sem nunca receber a visita de familiares.

Por outro lado, a solidão e o isolamento, por vezes impostos, imprimem um certo conformismo que, de certa forma, impede os supostos ressentimentos e as mágoas em relação à família, que os deixou no Asilo

*...eu estou aqui porque minha família
colocou. Não tinha ninguém p'ra to-
mar conta de mim. Eles trabalham
muito. Nem dá tempo de virem aqui
me visitar;*

*fico feliz quando vem alguém me visi-
tar no Natal;*

*eu conto os dias porque ele [refere-se
ao filho] vem de semana em semana.*

A questão financeira também pode ser apontada como objeto desencadeador do sentimento de solidão, quando relatam:

*Ele [refere-se ao filho] me colocou aqui
só por causa do meu dinheiro, p'ra
poder ficar com minha aposentadoria;*

*quando é um velho que tem saúde e
tem dinheiro, é uma velhice muito boa,
mas no meu caso, velho, doente e po-
bre, é fazer parte do lixo.*

A partir das falas e das atitudes durante o tempo das nossas conversas, a

forma como as pessoas se vêem e enxergam o mundo que as cerca, bem como a forma como são tratadas no contexto em que se encontram influenciam muito as relações que têm consigo próprias e os comportamentos que desenvolvem diante das situações cotidianamente vividas no Asilo.

Mesmo tendo uma proposta de acolher aqueles que não têm outra opção de residência, ou não conseguiram se estabelecer no seio familiar, a infra-estrutura do asilo visitado, que não permite o mínimo de privacidade nas atividades diárias, contribui para o isolamento dos idosos no dia-a-dia dentro da casa, e para a falta de interação com os demais e com os funcionários⁹, de certa forma.

O sentimento de rejeição é evidente, quando tentam responder como foram parar ali, e até na forma de desconversar sobre o questionado. A mágoa da famí-

lia pode ser subentendida nas conversas prolongadas (embora alguns a preservem, especialmente quando tentam justificar as ausências de visitas e apoio, enquanto institucionalizados).

Esse sentimento de rejeição, que sinaliza perda da auto-estima, pode estar anunciando um sentimento de solidão (cabe mais investigação por parte das áreas competentes), em especial quando esse idoso procura uma face conhecida para se identificar ou a quem se dirigir para conversar e não encontra¹⁰; quando a dor, a saudade, a mágoa, a tristeza tornam-se muito pesadas por falta de um ombro amigo onde derramar as lágrimas; quando vêm as lembranças do tempo em que fora independente e a constatação de que hoje vive à mercê dos outros e já não conta inteiramente com alguém e em ninguém consegue confiar.

⁹ A quantidade de servidores é mínima para as atividades de cuidado da infra-estrutura (limpeza de pisos e banheiros), higiene e alimentação de idosos (banhos, refeições, lanches), lavagem de roupas, arrumação das camas.

¹⁰ Poucos recebem visitas de familiares.

Reproduzindo a violência em domicílio: o preço de envelhecer*

Raimunda Silva d'Alencar**

A violência nas cidades brasileiras já não representa qualquer novidade, sendo tema de registro cotidiano na mídia, na pauta de preocupação de políticos e intelectuais, e no pensamento da população, que se vê cada vez mais ameaçada onde quer que esteja, até mesmo em casa, lugar onde se espera proteção e segurança. Pode-se dizer que a violência pertence ao cotidiano; está presente no trânsito, no trabalho, nas ruas, nas escolas, nos lares, e vem condicionando nosso modo de viver e de con-viver.

A sensação de insegurança afasta cada vez mais as pessoas e afeta diretamente a convivência e os vínculos sociais. Até mesmo as famílias vêm se constituindo em zona frágil para os apoios relacionais e afetivos tão necessários aos sujeitos, em especial os de idade avançada. Considerando que as transformações econômicas fazem o deslocamento de valores, é evidente a atomização

da estrutura social, com a visibilidade da exclusão de segmentos pertencentes a setores mais vulneráveis da população, onde se encontra o idoso.

Este, quando portador de algum tipo de patologia, com dificuldades de locomoção, ou limitação mental, até mesmo depressão, é o mais vulnerável à violência e aos maus tratos, não apenas por parte de familiares e cuidadores, mas também por parte de organizações prestadoras de serviço.

Para compreender as múltiplas formas como o que se expressa, é importante compreender, em primeiro lugar, que a violência não pode ser explicada apenas por questões de ordem econômica, como sinalizada por muitos estudos, pois perpassa por diferentes camadas sociais, significando uma variedade de situações. A violência também incorpora uma dimensão valorativa, o que significa dizer que está inscrita na ordem simbólica das relações humanas, mobi-

* Parte da Pesquisa sobre Violência e Maus-tratos contra Idosos desenvolvida pela autora na cidade de Itabuna, Bahia, no período de 2002-2004.

** Professora Assistente da UESC-DFCH, Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento. Ilhéus, Bahia, 2005.

lizando sentimentos de medo, ódio, frustração, ressentimento, angústia, mas também sentimentos de afeto e de amor. Em segundo lugar, pode-se classificá-la “segundo a pessoa que a sofre [...] conforme a natureza da agressão [...], o motivo [...] e local de ocorrência [...].” (YUNES, 2001, p. 145).¹

É preciso levar em conta que a violência contra o idoso é muito mais comum do que se imagina; acontece em qualquer classe social ou grupo religioso, com pessoas saudáveis ou incapacitadas, embora o silêncio e a falta de registro limitem o conhecimento dessa realidade.

A tentativa de identificar os maus-tratos e abusos a que são submetidas pessoas idosas no espaço sul-baiano esbarra em muitas dificuldades. Além de pouco consideradas, as notificações de violência contra o idoso ficam a desejar, seja pela falta de locais para registro dessas denúncias envolvendo esse segmento etário da população, seja pelo agrupamento dos dados que impede uma leitura específica, seja, ainda, pela pouca importância dada à questão. De outro lado, o conceito de violência dominante entre a população, inclusive nas organizações locais e entre profissionais, limita-se a danos físicos e morte.

Dado o acelerado envelhecimento da população local, e o reconhecimento das precárias condições sob as quais vive parte significativa dela, o Conselho Municipal do Idoso de Itabuna começou a receber informações de que comerciantes de gêneros alimentícios, na periferia da cidade, estariam retendo cartões de benefícios/aposentadoria de idosos em troca dos alimentos de que necessitam para sobreviver; e idosos estariam enfrentando agressões e maus-tratos dentro dos seus próprios lares e em organizações prestadoras de serviços.

Preocupado com essas questões, o Conselho desenvolveu ações no sentido de conhecer de perto a situação e buscar possíveis encaminhamentos para minimizar o sofrimento das vítimas. Nesse sentido, criou uma frente de trabalho que objetivou o recebimento de denúncias de violência contra idosos em domicílio, feitas por qualquer cidadão, pessoalmente ou por telefone, no caso de denunciante não querer se identificar.

Com base nessas denúncias, este estudo se propõe a analisar esta questão, utilizando as fichas de registros do próprio Conselho, no período de maio de 2003 a junho de 2004, considerando 49 (quarenta e nove) casos registrados.

¹ YUNES, João. Epidemiologia da Violência. In: OLIVEIRA, M. C. (org.). **Demografia da Exclusão Social**: temas e abordagens. Campinas, SP, 2001. p. 145-164.

As Fragilidades da Velhice Diante da Violência

A violência contra os grupos mais vulneráveis tem seu correlato na repulsa social, e a resposta tem sido dada pela sensibilização de pessoas que, pela profissão ou pela ligação com os mais diferentes setores, têm alguma ligação com o problema, a exemplo dos conselhos (de saúde, do idoso) e do ministério público.

Castel (1997, p. 23)², na análise que faz dos processos de marginalização social, associa interação social e fragilidade dos vínculos, classificando-as em zonas de integração, quando há forte interação social e trabalho estável; de vulnerabilidade, quando há trabalho precário e frágeis apoios relacionais; de marginalidade ou de desfiliação, quando há ausência de trabalho e isolamento social; e de assistência, quando o sujeito é um indigente inválido e sobrevive da caridade.

A partir desses processos, tanto em relação ao trabalho (estável, precário e não-trabalho) quanto à interação social (forte, frágil e isolamento), e do agrupamento dessas diferentes graduações, é possível considerar que a violência doméstica, seja ela física (quando produz lesão corporal ou dor) ou psicológica

(quando a intenção é produzir dano psicológico ou dor emocional incluindo medo, insegurança, humilhação, desespero), não pode ser considerada apenas no âmbito da dimensão econômica, ainda que não seja desprezível a sua importância enquanto elemento definidor de comportamentos e de atitudes frente à vida e frente ao outro.

Embora seja tema de difícil conceituação teórica, por força da complexidade que incorpora, a violência contra o idoso se expressa em diferentes situações, seja quando é desqualificado como pessoa, com expressões do tipo “sujeito ultrapassado”, “velho não serve”, seja quando é vítima de lesões corporais, de negligência ou descaso. Em geral, está expressa quando cuidadores (familiares ou amigos) se apoderam dos recursos econômicos do idoso (como aposentadorias, pensões, benefícios) ou não utilizam esses recursos, que pertencem ao idoso, em seu benefício. É comum que cartões bancários fiquem em mãos de familiares/cuidadores, e os idosos nunca recebam um centavo do dinheiro sacado. Mais recentemente, com a enorme campanha publicitária de disponibilização de crédito para o aposentado, idosos estão sendo enganados

² CASTELL, Robert. A Dinâmica dos Processos de Marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. In: **Caderno CRH**, 26/27, jan.-dez., 1997.

com empréstimos que comprometem parte significativa do que ganham durante dois/três anos, e não ficam com o dinheiro porque, em geral, são os portadores dos cartões (familiares, amigos) que acabam se beneficiando do tal empréstimo, em especial para cobrir débitos que o idoso não fez.

Se é corriqueira a expropriação de valores, também o é a de propriedades, com argumentos nem sempre verdadeiros de que o idoso não tem condição para administrá-los; quando o idoso é isolado com argumentos equivocados de que não se interessa mais pelas conversas, prefere ficar só, não escuta mais, não entende o que outros falam, também isto se constitui numa forma de violência.

Naturalmente que várias outras formas podem ser consideradas, e têm sido assinaladas em vários outros estudos, a exemplo de ameaças, tratamento infantilizado, agressões verbais do tipo "lerdo", "imprestável", empurrões para "andar rápido", quando o idoso não tem condição de fazê-lo, beliscões, isolamento do idoso do convívio familiar no horário das refeições, impedimento de manifestar preferência por alimentos de que gosta, a permanência em casa sem nunca sair para um passeio com familiares ou, ainda, a indisponibilidade da

família para conversar com o idoso.

É fato que as ações e políticas sociais disponibilizadas a esse segmento etário da população, embora com consideráveis avanços, não têm acompanhado as demandas. A predominância e o visível aumento de grupos de pessoas convivendo em permanente estado de carência ao longo da vida, excluídos da condição de cidadãos, têm sido, historicamente, a tônica da sociedade brasileira, e pode estar comprometendo seriamente não só a velhice atual, mas a velhice futura dos sujeitos que a integram.

Não se pode negar o fato de que as políticas sociais brasileiras de amparo à velhice foram ampliadas a partir da Constituição de 1988, que insere o disparador em favor da velhice (vide artigos 203 e 230)³, inclusive atribuindo à família a responsabilidade primeira de amparar e proteger o idoso. A questão é que grande parte das famílias brasileiras se encontra em desamparo por parte do Estado, cujas políticas econômicas não garantem emprego e não permitem a manutenção de um padrão de vida digno.

Em 1993, através da Lei Orgânica de Assistência Social, o Estado passa a assegurar um salário mínimo mensal ao cidadão idoso, a título de benefício; em 1994, a Lei 8.842 garante ao idoso os

³ BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA. Brasil: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

direitos sociais e assegura a criação das condições para a promoção de sua autonomia, sua integração e participação efetiva na sociedade, a criação de Conselhos do Idoso e, finalmente, o Estatuto do Idoso, o que não significa que sejam direitos concretamente efetivados.

Naturalmente que leis e portarias estaduais e municipais complementam o reconhecimento de uma crescente preocupação do Estado com o idoso brasileiro, que precisa ser olhado como cidadão, o que significa “[...] indivíduo [...] que está no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (HERKENHOFF, 2002, p. 3)⁴. É nessa direção que a Lei Municipal 1.787, de maio de 1999, criou o Conselho do Idoso de Itabuna⁵, Bahia. Não se tem conhecimento de qualquer programa especial desenvolvido pelo poder público local voltado para esse segmento da população.

A Visibilidade da Violência

A violência contra os idosos estudados nesta pesquisa, no município de Itabuna, Bahia, não é anônima; a vítima tem nome, família, renda, endereço. A idade média dos idosos considerados vítimas de agressão, nesta pesquisa, está

em torno de 72 anos. Os agressores, que também têm nomes e endereços, são em geral os próprios familiares, mas se incluem também vizinhos e conhecidos, têm idades entre 16 e 75 anos, com ocupações que variam do comerciante, passando pelo feirante, mototaxista, estudante, manicure, corretor de imóveis, vigilante, do lar. Mas inclui um número significativo de desempregados, cerca de 20% dos casos considerados.

As características da violência, expressas no conteúdo das denúncias, traduzem as situações de descrédito social vivido pelas famílias, cotidianamente violentadas pela ausência de condições mínimas de sobrevivência, falta de moradia decente, falta de saneamento básico, falta de emprego.

A maioria dos idosos, nas condições em que foram encontrados, é duplamente vitimizada, tanto pela estrutura social quanto pela estrutura familiar. As situações de desemprego, as condições de desnutrição, o consumo de drogas (alcoolismo e outros tipos), a deterioração dos vínculos afetivos na família propiciam a existência de padrões de conduta agressivos para a resolução de conflitos cotidianos na família.

Dos 49 casos de denúncia recebi-

⁴ HERKENHOFF, J. B. *Cidadania para Todos*. Thex Editora, 2002, p. 3.

⁵ Trata-se de cidade situada ao sul do Estado da Bahia, com aproximadamente 220 mil habitantes e, destes, quase 20 mil são maiores de sessenta anos.

dos pelo Conselho Municipal do Idoso de Itabuna, no período considerado, 28 são mulheres, com idades que variam de 63 a 100 anos, e 21 são homens, com variação de idade entre 65 e 101 anos. Do total de mulheres, 86% recebem benefício, enquanto 95% dos homens o recebem. As condições de vida das famílias são precárias, as moradias são pequenas para a quantidade de moradores, algumas camas não têm colchão, e o benefício ou aposentadoria se constitui na única renda⁶.

Alguns casos a seguir são ilustrativos das condições em que se encontram os idosos:

Caso 1. Sr. F., 96 anos, casado, aposentado, dois salários mínimos, seis filhos, mora com esposa, que tem câncer de mama, além de ter sido vítima, pela terceira vez, de acidente vascular cerebral (AVC). Filho e nora ficam com o cartão para saque da aposentadoria. Os idosos moram sozinhos e reclamam da falta de assistência do filho e da nora, que apenas pagam, com a aposentadoria que sacam, a marmita da refeição diária, única alimentação que dizem receber.

Caso 2. Sra. E., 74 anos, diabética, hipertensa, com cegueira total em uma

visão, portadora do mal de Parkinson. A filha, que não tem trabalho fixo, mas vive do trabalho informal (fazendo bico), precisa sair em busca de trabalho, costuma deixá-la sozinha durante o dia, sem higiene, sem medicação e alimento na hora certa.

Caso 3. Sr. A., 73 anos, aposentado, um salário mínimo, viúvo, dois filhos, tem bronquite, mora com um filho cego. O outro filho, seu agressor, que não trabalha, é dependente químico e, quando bebe, xinga e ameaça bater no pai. O idoso já esteve internado em asilo de velhos, mas o agressor tirou-o de lá. O idoso fica sem alimentação, não tem cama, dorme no sofá da sala (quase na madeira pura), não tem quem lave sua roupa.

É necessário realçar que as pressões econômicas sofridas pelas classes sociais menos abastadas, que precisam cuidar de seus idosos, afetam não apenas fisicamente mas psicologicamente essas famílias, principalmente quando não existem apoios institucionais, embora caiba à família a fonte de apoio e de cuidados aos idosos.

Nos três casos escolhidos, é importante realçar o nível de dependência dos idosos e, portanto, o requerimento de cuidados contínuos, necessidades que,

⁶ Em cerca de 20% dos casos analisados encontrou-se idosos em estado de desnutrição, sem medicação (embora alguns sejam diabéticos, hipertensos), sem assistência de qualquer natureza.

para as condições das famílias, parecem impossíveis de ser cumpridas. Além da ausência de trabalho para familiares dos idosos em idade ativa, há uma clara omissão do poder público com políticas compensatórias, traduzindo negação de cidadania e possibilitando a existência de uma *zona de marginalidade* para essas famílias, para quem já não há trabalho, mas há forte isolamento social, como quer Castell (1997)⁷. Motivados pelo benefício previdenciário de que se apropriam, única renda a lhes garantir pertencimento social, essas famílias acabam reproduzindo internamente a fragilidade dos vínculos que as sustentam fora dos espaços domésticos.

Por outro lado, ao contrário do jovem que, tendo renda, pode barganhar com a família e até garantir certos privilégios, o idoso já perdeu tudo (prestígio, espaço e vínculos sociais, salário, amigos, saúde, autonomia) e já não recebe, até mesmo por parte da família, a atenção de que precisa.

De acordo com o autor citado, os idosos dos exemplos acima se enquadrariam na *zona da assistência*, considerados indigentes inválidos e sobreviventes da caridade⁸, ainda que exista o

benefício da LOAS, na verdade funcionando como única renda para os mais jovens que não conseguem emprego. Por conta disso, os *cuidadores* (familiares) não os liberam, inclusive para as institucionalizações em asilos.

As denúncias registradas são oriundas de bairros periféricos da cidade, alguns deles com estrutura de urbanização ainda precária, assinalando-se deficientes serviços como linhas de ônibus, energia, disponibilização de água (cuja distribuição é precaríssima), telefonia, ruas pavimentadas, algumas com saneamento, ainda que as moradias dessas famílias aqui consideradas sejam absolutamente precárias, parte delas sem água encanada, sem energia, sem banheiros, sem vasos sanitários.

Desvalorizado na família por ter envelhecido, desamparado publicamente e sem condições de efetivar trocas de favores, os idosos acabam sendo vítimas, pela intolerância e desrespeito, da omissão dos poderes constituídos, seja federal, estadual e municipal, cujo efeito imediato alcança os vínculos familiares, esgarçados pelas carências dos ambientes sociais concretos onde sobrevivem pessoas de todas as idades, inclusive idosos.

⁷ CASTELL, obra citada.

⁸ "Quando não se é um cidadão e não se tem meios de sê-lo, só se pode viver da boa vontade dos outros". (CARRETEIRO, Teresa Cristina. *Perspectivas da Cidadania Brasileira: entre as lógicas do direito, do favor e da violência*. In: ARAUJO, J. N. G. de; CARRETEIRO, T. C. (orgs.). **Cenários sociais e abordagens clínicas**. São Paulo: Escuta/Belo Horizonte: FUMEC, 2001. p. 155-168.

A vida em novo ritmo: o idoso na sociedade informatizada*

Harley Cardoso Menezes Campos**

Raimunda Silva d'Alencar***

Introdução

Nas últimas décadas, duas questões têm gerado discussões e produzido debates importantes no meio acadêmico, por representarem desafios sociais e culturais de grande expressão: o envelhecimento populacional brasileiro, como uma realidade que se instala em ritmo cada vez mais acelerado, e o domínio das novas tecnologias da informação como instrumento importante na relação ensino-aprendizagem e como instrumento de inclusão.

De um lado, o envelhecimento da população brasileira é um fenômeno relativamente novo, que tem trazido preocupação a estudiosos e chefes de governos, principalmente por se constituir em questão demandante de serviços, recursos e, portanto, de uma nova cul-

tura social. De outro lado, as inovações tecnológicas, consideradas por alguns estudiosos como a Revolução da Automação ou a Terceira Revolução Industrial, trazem desafios quando consideradas *vis-à-vis* com a educação, num debate que ainda está longe de ser encerrado.

Quando refletimos sobre a condição das pessoas idosas nessa "nova" sociedade, fica impossível ignorar o uso, por elas, da tecnologia. Elas não têm somente que se adaptar a uma nova realidade cujo ritmo é acelerado, mas também assumir o seu papel nesse processo. Isto pode significar um envelhecimento que supõe adaptações e estratégias de ajustes a novas circunstâncias ou a circunstâncias vitais para continuar interagindo.

Considerando a presença dos recursos tecnológicos de comunicação e

* Texto elaborado com base na pesquisa Aplicações Pedagógicas dos Computadores junto à população Idosa. UESC, 2003.

** Economista, Especialista, Professor do Ensino Fundamental. Itabuna, Bahia, 2005.

*** Professora e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC, 2005.

informação no cotidiano de todos os cidadãos, é importante pensar na contribuição desses recursos para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

Com base nesses aspectos, do acesso e domínio das tecnologias, é importante realçar a formação de profissionais da educação voltados para o segmento idoso da população, também ele vítima dos desafios, principalmente devido às mudanças em seu papel de instrutor e transmissor de conhecimento, para o de organizador e orientador. É grande o número de estudos e opiniões sugerindo o uso dos computadores na educação. Isto significa acreditar que as funções do ensino mudam com o uso das chamadas novas tecnologias. Embora haja uma rica produção em torno dos ganhos que a tecnologia promove junto à juventude e às crianças, a questão para os idosos ainda não está amplamente colocada ou, mais ainda, respondida.

Não se pode desconsiderar que o perfil da vida social, cada vez mais condicionado às tecnologias, tende a excluir indivíduos, em particular aqueles já considerados fora do circuito da produção - os idosos -, a quem se imputam dificuldades para aprender.

É indiscutível que a informática tem revolucionado muitos aspectos da sociedade e, em especial, estabelecido conexões sem precedentes entre indivíduos,

grupos, comunidades, sociedades, principalmente por eliminar as barreiras de tempo e espaço e permitir que as pessoas se interconectem, trabalhem juntas, mesmo que estejam em lugares distintos.

O acesso à informação torna-se cada vez mais relevante, e esse papel é creditado à educação e às tecnologias. Um grande desafio passa a ser a aprendizagem constante, dando ao sujeito a oportunidade de acompanhar as transformações culturais e sociais, com mais presença e interação, que ajudam a melhorar o viver. Um outro desafio é o acesso de idosos a informações e conhecimentos que lhes permitam condições instrumentais mínimas para fazer frente aos novos cenários, às novas transformações, apesar dos altos custos dos equipamentos para boa parcela da população.

Indiscutivelmente, as tecnologias são potencializadoras de novos tipos de relacionamentos, de interação e comunicação através de sistemas *on line*, além de criarem oportunidades para minimizar as dificuldades de interação, hoje tão presentes na vida de parcela significativa de idosos, independentemente da sua vontade, do seu conhecimento.

Não se pode esquecer que as aposentadorias, que precisam ser sacadas, mensalmente, por esses idosos, dependem de serviços bancários informatizados, hoje realizados plenamente sem presen-

ça e auxílio de funcionários. A falta de conhecimento, os problemas de memória para reter números de senha, o medo de errar na tecla, a lentidão na leitura das mensagens que a máquina vai revelando, a necessidade de repetir operações, tirando e colocando cartões, são problemas enfrentados pelos idosos, cotidianamente. Isto traduz a relevância de potencializar as habilidades individuais desses idosos com as novas tecnologias e todos os recursos que elas possibilitam, o que representa uma contribuição para a construção de novos conhecimentos por parte dessas pessoas que estão à margem do acesso (ou, no máximo, chegando muito lentamente) às novas comunicações e informações tecnológicas.

Uma das dificuldades relatadas por quem “ensina” a lidar com computadores é a desmotivação de idosos para as aulas, por se sentirem incapazes de um aprendizado que para eles ainda é considerado distante. Os depoimentos ouvidos dão a exata medida desse sentimento: *já passei do tempo; não consigo; não é pra mim; será que eu posso?* Abandono, desistência, evasão traduzem essa desmotivação, mas podem traduzir, também, falta de pessoal qualificado para lidar com pessoas cujos ritmos

de aprendizagens podem estar mais lentos e cujas motivações são diferenciadas também, inclusive por força de algumas incapacidades do tipo: controle sensório-motor para trabalhar com o *mouse*, principalmente para quem sofreu algum tipo de acidente vascular cerebral (AVC), perda ou redução da capacidade auditiva para ouvir as orientações dos instrutores, dentre outras.

Nesse sentido, a idéia deste artigo é compreender as novas habilidades na utilização cotidiana do computador por parte de pessoas idosas, a percepção dessas pessoas sobre as condições que facilitam e dificultam a utilização de recursos tecnológicos, inclusive o conhecimento dos idosos a respeito das dificuldades e opções de programas que mais utilizam.

Para isso, foram tomados como sujeitos do estudo idosos integrantes do Programa de Extensão para a Terceira Idade, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC¹. Tratam-se de sujeitos com idades entre 52 e 70 anos, com escolaridade distribuída entre o primeiro grau (15% dos participantes), segundo grau (46%) e terceiro grau (38%), na sua totalidade do sexo feminino, aposentadas (58%) e não aposentadas (42%).

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, localizada em Ilhéus, sul do Estado da Bahia.

A profissão dominante das entrevistadas é a de professora, representada por 38% delas. Em termos de renda, 50% recebem acima de três salários mínimos, 38% recebem entre um e dois salários mínimos, e 12% recebem até um salário mínimo.

Com relação à ocupação atual, 55% responderam que trabalham, enquanto 45%, não, o que confirma a tendência apontada em diversos estudos de que aposentados continuam ocupados. Das que não trabalham, 40% dizem estar ocupando o tempo com o seu próprio lazer, dedicando suas horas livres a cursos, diversão, viagens.

A Velhice e a Educação

Falar de envelhecimento é falar de um fenômeno evolutivo, universal, um *continuum* do ciclo da vida. Trata-se de um processo natural, gradual, que promove, indiscutivelmente, modificações de ordem biológica, psicológica e social.

O idoso tem sido presença cada vez mais relevante na literatura científica, dada a preocupação que tem despertado para estudiosos das diferentes áreas do conhecimento. O aumento expressivo dessa população idosa no Brasil se

constitui em desafios de múltiplas naturezas, inclusive para serviços diversos, dentre os quais a educação. Dados contabilizados no censo demográfico de 1980 dão conta de que essa população duplicou em apenas vinte anos, saindo de três milhões em 1960 para sete milhões em 1980; de 1980 para 2000 já representam mais de treze milhões. A previsão para 2020 é de trinta e três milhões de idosos. Além disso, os anos de velhice também aumentam.

Refletindo sobre as estratégias das mudanças a serem enfrentadas pelas pessoas, Villar² as divide em dois grandes grupos: no primeiro grupo estariam aquelas que consistem em transformar o mundo ou aspectos do mundo que não sejam problemáticos, mas que, de alguma forma, incomodam as pessoas. Neste caso, as pessoas vão mudar as situações que dificultam o alcance das suas metas e preferências. No segundo grupo, o que vai mudar não são as situações, quando as pessoas atribuem-lhes significados diferentes; o que muda são as interpretações da realidade, não a realidade mesma.

Dentre as estratégias de que as pessoas podem lançar mão para compensar ou mudar os aspectos negativos as-

² VILLAR, Feliciano. Adaptación al Envejecimiento: entre transformar el mundo y transformarnos nosotros mismos. In: **Revista Tiempo** – El Portal de la Psicogerontología, n. 8, 2001.

sociados à idade, o autor destaca a continuidade da *vinculação ao mundo*. Esta vinculação refere-se a três aspectos fundamentais:

- manter-se ativo, física e intelectualmente, naquelas tarefas de que sempre gostou;
- continuar vinculado ao mundo, o que implica também manter e, inclusive, aprofundar as relações de afeto e amizade que cada indivíduo mantém com as pessoas que o rodeiam;
- comprometer-se com a comunidade e as instituições.

É preciso realçar, no entanto, que não se trata apenas de dedicar mais tempo àquelas tarefas ou atividades das quais o indivíduo sempre gostou, mas também explorar novas atividades, novas identificações. As pessoas que conservam sua curiosidade, sua vontade de aprender e de experimentar coisas novas, como o uso do computador, são, sem dúvida, as que podem desfrutar melhor de seu tempo com menos obrigações e uma liberdade maior para fazer o que desejam, trabalhar melhor os *déficits*, sejam eles de conhecimento, de interação ou de organização frente à vida e ao mundo.

Conhecer as dificuldades de pessoas idosas que retornam aos processos

de educação tecnológica facilita a identificação e o estabelecimento de metodologias de ensino seguras e eficazes, capazes de contribuir com o suprimento de algumas necessidades básicas e, assim, ampliar as possibilidades de melhoria da qualidade da aprendizagem e, por extensão, da qualidade da própria vida.

É preciso atentar para uma questão importante, que é não confundir as limitações ou dificuldades de manuseio da tecnologia com deficiência ou impedimento de aprendizagem. É comum que a velhice, não obstante se constitua em uma etapa do desenvolvimento humano, fazendo parte, portanto, do *continuum* da vida, não desfrute de um *status* positivo, conseqüência das construções sociais estereotipadas do sujeito idoso, construções essas que geram prejuízos significantivos às pessoas em tal condição.

É preciso que se reconheça que as mudanças que chegam com a velhice não são, necessariamente, doenças, embora essa associação ainda exista; pode-se falar em alterações nos ritmos de suas ações ou, ainda, em necessidades distintas na velhice. Essa compreensão facilita a percepção das potencialidades que também chegam nessa etapa da vida. Essas mudanças afetam a vida das pessoas de forma profunda, e seu inter-relacionamento gera

perplexidade, dúvida e incerteza.

Nesses termos, a educação aparece com um papel significativo, que deve responder a uma demanda social que cresce dia após dia. Os sistemas educativos são chamados a oferecer as mesmas oportunidades de educação a todos, a respeitar a diversidade de interesses, a dar respostas a todos os tipos de exigências. Uma delas se associa à necessidade que têm os idosos de continuarem interagindo, ativos, autônomos, cuidando da própria vida.

Numa perspectiva de proporcionar mais qualidade de vida a essa geração, é preciso investir na cultura, na experiência individual, na história de vida de cada um. Não se tem dúvidas, pois, das necessidades que têm os idosos de utilizarem as novas tecnologias, em especial o computador e todo o seu universo, inclusive para sair da condição de isolamento em que muitos ainda se encontram. Embora controvertido e polêmico, o tema da tecnologia na educação de idosos incita inúmeras discussões (longe de serem consensuadas). Assim como o rádio teve o seu momento e foi logo de domínio de toda a população, a informática, o vídeo e a telecomunicação aparecem como instru-

mentos que podem transformar a natureza dos processos educativos, inclusive (re)criando visões de educação e relacionamentos.

Citando Mercado (1999, p. 27)³, não se tem dúvidas de que “as novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações”, de singular significado para os idosos, que chegaram a essa idade sem a oportunidade de utilização desses equipamentos.

A pressão que idoso tem estabelecido junto ao sistema educativo levou as universidades a abrirem seus espaços para esse segmento, cuja participação vem crescendo a cada ano, seja como alunos regulares dos cursos de graduação oferecidos, seja participando de atividades extensionistas, aquelas que unem instituição de ensino superior e comunidade. Trata-se de um singular avanço educacional, sugerindo o reconhecimento da existência de diferenças e necessidades individuais de sujeitos de qualquer idade, produzindo novas condições e novas atitudes, tanto da educação quanto dos profissionais envolvidos. No caso do sujeito idoso, não se pode desconsiderar que parcela significativa envelheceu marginalizada da educação formal.

³ MERCADO, L.P.L. *Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias*. Maceió, 176p.

O aumento da oferta de oportunidades educativas para o segmento idoso e os reflexos decorrentes da sua participação sinalizam a natureza potencializadora da educação, considerando que a participação de idosos em atividades educacionais cria oportunidades de mais envolvimento em atividades sociais, mais engajamento, mais prazer e alegria de viver. Isto significa que o caráter da educação voltado apenas para a formação profissional está mudando e provocando revoluções na própria ciência pedagógica; uma transformação radical dos conceitos dominantes. O novo conceito de educação traz à baila a educação continuada, em que o princípio da educação para todos e, conseqüentemente, por todo o período da vida, passa a ser relevante (DELORS, 2000)⁴.

Educação e velhice, embora tenham se constituído numa relação discutível ao longo do tempo, vem ganhando novos contornos ultimamente. A idéia de vincular o ato de aprender a rendimento e às faixas etárias mais jovens vem sendo, gradualmente, sepultada. Delors (idem)⁵ afirma que uma das tarefas essenciais

da educação é “ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade desejada em um mundo cada vez mais complexo”.

Para dar conta das múltiplas situações em que se vê exigida, diz Delors (idem, p. 89), “a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento”.

Sugerindo que as aprendizagens são diferenciadas, mas complementares, esse autor vai destacar a aquisição dos instrumentos da compreensão (aprender a conhecer), da ação sobre o meio (aprender a fazer), da participação e cooperação com os outros em todos os momentos (aprender a viver juntos), da autonomia, do auto conhecimento, da auto motivação, da auto determinação, integrando as três anteriores (aprender a ser). A idéia é de que todos, independentemente de idade, cor, classe social, religião, possam “descobrir, reanimar e fortalecer o potencial criativo” que cada um carrega (idem, p. 90)⁶.

⁴ DELORS, J. **Educação - um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

⁵ DELORS, idem.

⁶ DELORS, obra citada.

Refletindo sobre o uso do computador pelos idosos

É muito comum ouvir que estamos na era da informática. Em pouco tempo, a velocidade com que se desenvolve a comunicação, através dos computadores, faz com que uma nova preocupação surja: não ter acesso e domínio dessa ferramenta é permanecer excluído e/ou analfabeto; é estar fora do mundo.

O processo de informatização da sociedade brasileira apresenta espantosa velocidade, tornando-se, pois, irreversível. O poder público tem sinalizado interesses na criação de condições que busquem diminuir a distância tecnológica que separa o País de nações mais desenvolvidas, ou separa pessoas dentro do próprio País. Para os sujeitos idosos, em particular, o não domínio das tecnologias impõe limites de pertencimento que precisam ser considerados. A idade avançada implica em aumento do tempo livre, um tempo que precisa ser preenchido e redirecionado para novas atividades.

As tecnologias, em especial o uso do computador e a internet, têm representado instrumento importante de ocupação do tempo, de forma útil e prazerosa. A internet vai gradativamente se incorporando à vida das pessoas como uma ferramenta importante para possibilitar o seu bem-estar. Trata-se de

uma composição em que a percepção de conjunto e o reforço das imagens e oralidade, aliados à racionalidade e escrita, resultam numa abordagem que faz uso do som, da imagem e da palavra, tornando-se marca da sociedade contemporânea.

A presença de um computador num ambiente, embora não substitua a presença, tampouco assegure um pleno preenchimento de vazios e perdas, instaura uma nova sociabilidade. As pessoas se enclausuram em suas habitações, característica dos grandes centros urbanos, e dali mesmo se comunicam, compram, vendem, visitam museus, pesquisam sobre diferentes temas, lêem jornais e revistas, fazem operações bancárias, namoram. São as novas mídias que, próximas ou à distância, seduzem, aceleram, facilitam, tornam a sociedade e as relações cada vez mais próximas, ainda que se possa considerá-las efêmeras, virtuais. As redes telemáticas fomentam novos tipos de relacionamentos, de interação e comunicação, através de sistemas *on line*.

Democratizar o acesso ao computador, transcender a solidão social e individual em um universo de motivações e interesses, gerando situações de inclusão na sociedade, através da tecnologia como elemento da cultura dessa sociedade, é o grande desafio do poder público. Sentir-se atraído e ter o seu aces-

so garantido a essas tecnologias é a grande esperança do cidadão idoso.

Moraes (2000)⁷, analisando a existência de duas áreas tecnológicas, afirma que a primeira é caracterizada pelo processamento de dados e procedimentos operacionais administrativos, para um pequeno número de indivíduos (especialistas, técnicos em equipamentos situados em verdadeiras ilhas, isolados de tudo e de todos, em departamentos desconectados); na segunda, diz ela, os sistemas computacionais são ferramentas estratégicas, operados por usuários finais que controlam os seus efeitos sobre o seu trabalho e são beneficiados diretamente. “As informações e as tecnologias chegaram onde deveriam chegar, ou seja, ao usuário”, completa.

A utilização do computador pelo indivíduo vai desde operações bancárias até exercícios físicos, que podem ser simulados e controlados por meio de sistemas eletrônicos. Os cartões inteligentes, com dados pessoais memorizados, e valores em dinheiro, servindo de substitutos do papel moeda, cheques e até cartão de crédito, são algumas das mudanças que enfrenta o cidadão idoso, cotidianamente.

Sugerir atividades práticas e de-

monstrar os recursos dessa máquina, que o imaginário popular ainda enxerga como um bicho de sete cabeças, deve se constituir em uma motivação a mais dentro dos programas de educação de idosos. O computador pode se revelar uma ferramenta indispensável para quem precisa permanecer antenado com o mundo, articulando o seu uso ao cotidiano dessas pessoas, atentando para não deixar que isso seja adicionado aos problemas que já têm, mas sim, parte da resolução desses.

Ainda que se considere a alteração no ritmo de aprendizagem, o sujeito idoso mantém a capacidade para adquiri-la. Além da motivação para aprender e da necessidade de uma metodologia adaptada à condição do sujeito idoso, Milagros (2001, p. 20)⁸ assinala que os idosos precisam de mais tempo, de técnicas/dinâmicas que compensem determinadas deficiências sensoriais e de percepção de ambiente adequado, além de tranquilidade dos envolvidos, e paciência do professor, dizem as idosas.

Ao analisar os níveis de interesse, nas facilidades e dificuldades, bem como as perspectivas que têm as idosas quanto à utilização da máquina, fica a idéia de que os cursos para esse segmento

⁷ MORAES, M. C. O. **Paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997, 239p.

⁸ MILAGROS, Martín. Envejecimiento y cambios psicológicos. In: **Revista Tiempo**, n. 9, dic., 2001.

deveriam ter um tempo maior, ministrados a partir de situações-problemas apresentadas pelos interessados. Alguns depoimentos dão conta de outros níveis de exigência, em especial com os professores de cursos de informática e com a falta de domínio do idioma inglês, um dos elementos dificultadores do uso: 1) *gostaria de aulas com alguém que soubesse compreender nossas dificuldades;* 2) *nunca manuseei;* 3) *preciso de aulas para saber mexer na máquina;* 4) *é difícil conhecer tudo sozinho;* 5) *às vezes ficamos sem saber o que o professor fala;* 7) *a linguagem em inglês atrapalha.*

Com base no perfil do idoso e das especificidades apresentadas com relação ao conhecimento de informática, foi possível identificar que 100% das entrevistadas já fizeram curso (mas desejam fazê-lo novamente) e 60% utilizam o computador no cotidiano, embora encontrem dificuldades na sua utilização, e o façam com interesse na comunicação, enquanto 30% só se interessam por fazer pesquisas na internet para ampliar conhecimento, desconhecendo outras finalidades. Quanto à necessidade de voltarem a fazer novos cursos na área, as entrevistadas justificam que *é indispensável, é como ler e escrever, por po-*

der incorporar novas utilidades, acompanhar o desenvolvimento.

Entre dificuldades e facilidades encontradas na utilização do computador, 35% não conseguem manusear o mouse com agilidade; os que conseguem acham que basta apenas *paciência do professor*. Além disso, o fato de ser um equipamento com linguagem em inglês, atrapalha o manuseio e a segurança do uso, basicamente pelo desconhecimento do idioma. Ainda sobre em quais situações o computador poderia entrar no seu cotidiano, 30% disseram poder aproveitar em seus estudos para digitar pequenos trabalhos e fazer muitas pesquisas sobre diversos assuntos.

Naturalmente que não se pode desconsiderar que o ritmo desse aprendizado não será o mesmo para as faixas etárias jovens e não tão jovens. Para os mais jovens, aceitar o ritmo da nova era tecnológica é uma tarefa menos difícil do que para uma pessoa mais velha, cuja imagem do mundo foi formada em outros tempos. Como diz Oppenheimer (apud PIKUNAS, 1979, p. 398)⁹, “o conhecimento que costumava dobrar-se em milênios, depois em séculos, agora dobra-se em uma década”.

Kachar (2001)¹⁰, compartilhando de

⁹ PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**: uma ciência emergente. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1979. 494p.

¹⁰ KACHAR, Vitória (org.) **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001. 189p.

experiências práticas na coordenação de cursos de introdução à informática para alunos idosos, assinala que os cursos propiciam a esses alunos a possibilidade de aprender e compreender novas linguagens da informática e dominar alguns programas. Entre os citados pela autora, estão o Windows e o Word. Essa situação também foi encontrada junto às idosas de nossa pesquisa.

Visando evitar o abandono dos cursos por parte dos idosos, situação que é freqüentemente abordada por professores de cursos de informática, é importante levar em conta que a capacidade do idoso de aprender informática é igual à de qualquer jovem que se interessa por computador e tem acesso a ele. Basta que seus interesses também sejam explorados e as condições lhes sejam oferecidas.

Em sua concepção de aprendizagem, o construtivismo destaca a posição ativa do sujeito que aprende, pois é ele quem elabora o seu conhecimento. No entanto, assinala também que o professor, enquanto facilitador do processo de aprendizagem, deve possibilitar o desenvolvimento intelectual dos alunos a partir da criação de situações motivadoras e estimulantes, de modo a facilitar sua participação e atuação.

Não se pode desconsiderar, no entanto, que há pessoas portadoras de dificuldades referentes à memória e funções sensório-motoras que exigem uma sensibilidade ainda maior por parte do sujeito facilitador da aprendizagem. Como afirma Pikunas (1979, p. 415)¹¹, “se o aposentado não tem uma saída para exercer seus poderes e capacidades, o sentimento de inutilidade que resulta é prejudicial à sua segurança e *status*”.

As experiências têm mostrado que idosos que lidam com a tecnologia da informática, que conseguem estabelecer comunicação com uso da internet, sentem-se vivos, vivendo um tempo que é de todos, o tempo da sociedade informatizada, o tempo da comunicação, o tempo da interação. Além de possibilitar uma comunicação com outras pessoas, de forma imediata e com rápida resposta, a internet abre espaços para receber informações de diferentes tipos e origem. Com isso, o idoso experimenta a sensação de pertencimento, de inclusão. A comunicação é importante para a manutenção da auto estima do idoso. Isto o faz sentir-se respeitado e confiante, com atitudes positivas e abertas, sentindo-se pertencente a um grupo.

¹¹ PIKUNAS, idem.

¹² PIKUNAS, obra citada.

Finalmente, a introdução da tecnologia no cotidiano de pessoas idosas poderá criar condições interessantes, inclusive de maior interação com os netos, que já manejam essa tecnologia com desembaraço ou, ainda, de utilização no registro das lembranças. Como afirma Pikunas (idem, p. 426),¹² “muitas pessoas de idade ficam interessadas por memórias pessoais mas, por encontrarem poucos ouvintes, recorrem a escrevê-las”. O computador poderá se transformar em um excelente instrumento para a reelaboração das lembranças, além de recriação de novas convivências entre avô-neto.

Ouvir as queixas e ensinar remédio*

Ruy Póvoas**

Ao receber o convite para fazer a abertura das atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade, lembrei-me do itan "A cabeça nova". Creio que tal texto será bastante ilustrativo para este momento. Eis a história:

Contam os mais-velhos que Ajagunã, filho de Obatalá, nasceu sem cabeça. Por isso, ele cresceu revoltado, vagando, sem destino certo. Um dia, ele se encontrou com Ori, o orixá das cabeças. Ajagunã suplicou a Ori que tirasse ele daquele sofrimento. Aí, então, Ori resolveu fazer uma cabeça branca para Ajagunã, com inhame cozido e amassado no pilão. Durante os preparativos, o sem-cabeça gemia tanto e implorava com tanta agonia, que Ori se apressou e nem esperou o inhame esfriar: fez uma cabeça branca com o inhame quente mesmo.

Depois que Ori modelou a cabeça, Ajagunã se transformou num guerreiro valente e desempenado. Ori deu a ele um escudo e uma mão pilão para

enfrentar as batalhas. Ele ficou muito feliz, mas a cabeça de inhame esquentava muito e ele sentia dores de cabeça muito fortes. Ficava arriado por vários dias, quando as crises atacavam e não tinha paciência com nada, nem com ninguém. E ele foi pelo mundo, padecendo de seus males.

Um dia, ele se encontrou com Iku, a Morte. Muito prestativo, Iku começou a dançar e se ofereceu logo para fazer uma cabeça nova para Ajagunã. Ele, coitado, se recusou. Mas o sofrimento aumentou tanto, com uma dor de cabeça tão insuportável, que ele terminou aceitando a oferta. Todo mundo sabe que a dor é que ensina a gemer e quem está sofrendo não escolhe remédio. Iku prometeu lhe dar uma cabeça negra e fria, feita de sombra. Assim foi feito e Ajagunã ficou feliz e aliviado. Antes de desaparecer, Iku lhe tomou a mão de pilão e a levou consigo.

Mas aí, uma outra coisa aconteceu: Ajagunã passou a se sentir perseguido por um terror: eram as sombras da

* Aula inaugural proferida na Universidade Aberta à Terceira Idade/UESC, em 11/05/2005.

** Professor aposentado da UESC, Mestre em Letras Vernáculas/UFRJ, escritor e poeta, babalorixá do Ilê Axé Ijexá, em Itabuna, BA.

Morte em sua cabeça fria. Até hoje, não se sabe qual dos dois sofrimentos era maior: se a agonia da dor da cabeça branca e quente, ou se o terror da perseguição da cabeça negra e fria. E lá se foi Ajagunã, vagando pelo mundo, embora continuasse sendo um grande guerreiro.

Um certo dia, ele estava mergulhado em profundo terror, sofrendo horrores, quando se encontrou com Ogum, o grande ferreiro, senhor dos caminhos. Ajagunã se queixou dos males e contou tudo a Ogum. A primeira coisa que Ogum fez foi dar sua espada a Ajagunã. Com a nova arma, ele afugentou a Morte e espantou as sombras de sua cabeça. Depois, Ogum pegou sua faca e começou a remodelar a cabeça de Ajagunã, misturando o frio com o quente. Aí, as duas cabeças, que estavam uma revestindo a outra, se misturaram e a nova cabeça ficou azulada. Virou uma cabeça nem muito quente, nem muito fria.

Quando Ogum terminou seu trabalho, Ajagunã virou Oxalufã, o mais velho dos mais-velhos, trazendo agora uma cabeça equilibrada. Mas foi preciso que Ogum fizesse um cajado, para Oxalufã se apoiar, pois o escudo não tinha serventia para mais nada. E Oxalufã saiu pelo mundo, de bem consigo mesmo e com a vida, apoiando-se em seu cajado. Por onde passava, ouvia as queixas dos sofredores e ensinava remédio para seus padecimentos. Pois é: uma cabeça quente não funciona muito bem; uma cabeça fria também não. Uma é cheia de agonia; a outra não tem compaixão.

Pois bem. Vamos nos aproximar do texto e tomemos intimidade com ele. Por que um texto extraído da cultura nagô? Minha motivação não é a onda de africanidade e africanização que varre o País, numa ânsia de corrigir os 500 anos de exclusão dos afro-descendentes. Fazem parte de meu viver e de meu fazer enxergar o mundo e interpretar o universo e a vida a partir de uma formação afro-brasileira. Fui criado entre a gente de terreiro de candomblé e recebi formação dos mais-velhos afro-descendentes. E o que eu acho mais interessante, hoje, é recordar que alguns deles eram de pele branca. Mas deixemos isso pra lá, já faz tanto tempo...

Pois é: com os meus mais velhos, aprendi os *itan* e a importância deles para o ato de ensinar e aprender. Sobre tudo, de um processo calcado na oralidade, pois também me ensinaram que a palavra traz força e é, na sua essência, um ato criador. Aliás, todo mundo sabe que as escrituras consideradas sagradas, de todos os povos, antes de serem escritas foram faladas. E de tão repetidas viraram verdades que passaram a ser escritas. Ah, sim: *itan* é uma palavra nagô que significa história, qualquer história e, mais especificamente, as histórias que compõem o acervo memorizado pelos sacerdotes de *Ifá*, os babalaôs, que explicam como situações angustiantes são resolvidas desde os

tempos imemoriais. Foi justamente por isso que os *itan* passaram de geração em geração.

Agora tomemos o *itan* "A cabeça nova". Alguns elementos dessa narrativa se constituem numa simbologia e, como tal, passível de ser aplicada em qualquer tempo, a qualquer conjunto humano. Os símbolos resumem em si a essência do conhecimento construído pelos humanos, nas suas trajetórias de vida. Quando a coisa simbolizante é arquivada, por causa das mudanças de usos e costumes, a simbologia é transladada para novas coisas, inventadas, recriadas, ou transformadas, para que o conhecimento não se perca.

O mesmo acontece com as culturas, quando estabelecemos um paralelo entre elas. As imagens arquetípicas passam a ser outras, mas os arquétipos são os mesmos. Assim, por exemplo, o Arquétipo da Grande-Mãe, na cultura católica, é preenchido pela imagem arquetípica de Maria Santíssima. Na cultura nagô, por lemanjá. E na cultura indígena, pela Mãe-d'Água, a Iara. Rejeitar essa verdade é construir a muralha do preconceito.

Quem verdadeiramente aprende vai descobrindo as coisas novas e as antigas que resumem, em si, valores ancestrais, arquétipos e imagens arquetípicas. Caso contrário, haverá uma ruptura entre o passado e o presente, entre as di-

versas camadas que compõem a sociedade, e a nação corre o risco de se perder nos meandros da alienação ou da perplexidade.

No *itan* "A cabeça nova", imagens arquetípicas interagem num evidente exemplo de relações entre quem ajuda e quem é ajudado. Na verdade, apenas no último encontro, se estabelece o interesse de quem está ajudando por aquele que está necessitando de ajuda. Tanto é assim que a oferta vem em primeiro lugar. A espada doada por *Ogum* a *Ajagunã* é o símbolo das forças existentes no necessitado. É ele quem corta suas relações com os valores que o deprimiam e faziam dele um infeliz.

Ao encontrar-se com *Ori*, *Ajagunã* recebeu uma arma de ataque: a mão de pilão. Depois, no encontro seguinte, *Iku* lhe rouba essa arma. A sociedade dos tempos atuais também construiu outras imagens arquetípicas de *Iku*, que roubam a nossa segurança e a nossa tranquilidade. Exemplo disso são os assaltantes, os traficantes, os violentos, os corruptos, os poluidores dos rios, florestas e oceanos, os políticos traidores do povo. Eles querem nossas coisas simbolizantes e, por isso mesmo, torna-se necessária a urgente adequação dessas coisas simbolizantes a uma escala de valores que transcendam os limites de nossa perdedeira, de nossa perplexidade. Passam, por aí, a desconcentração

da renda, a escola para todos, a saúde, a moradia, o emprego, o lazer, o voto consciente e o equilíbrio ecológico.

O sem-cabeça que aparece no *itan* transporta para o próprio corpo os limites do humano, seu destino e suas escolhas. Na sua trajetória de existência, *Ajagunã* vai se encolhendo. Primeiro, perde a mão de pilão; depois, perde a juventude; em seguida, perde o escudo e, por fim, perde a postura de guerreiro. Enquanto sua cabeça evolui, *Ajagunã* encolhe-se, tal qual teoriza Bachelard, em *A Poética do Espaço*¹. Sobre tal abordagem, sugiro a leitura do texto *Antiguidade é posto*.

Nesse processo de encolher-se, há uma necessária passagem pela fase da cabeça construída com inhome quente, que não nos deixa ouvir a Razão. É mais importante alargar-se, e para isso é necessário guerrear. É ter um escudo para nos defendermos do mundo e a mão de pilão para o ataque. É isso que *Ori*, a nossa cabeça, sabe fazer na juventude. Nessa fase, em que predomina a assertividade, o importante é o campo de batalha, a conquista necessária a tornar-se bem sucedido: a profissão, a casa própria, o casamento, os filhos. Existe gente que até alarga o campo para tor-

nar-se rico, viajar para o exterior, conseguir inúmeras conquistas amorosas, consumir tudo o que a mídia apregoa. E mais atualmente: tornar-se uma celebridade, morar nos Estados Unidos, ser artista da Globo, ganhar o grande prêmio do *Big Brother*. Se a ânsia do ter se alastrou, também é verdade que já chegamos a um ponto em que nem é mais necessário possuir as coisas simbolizantes: basta alcançar aquilo que com elas se parece. E o jogo do faz de conta, da provisoriamente constrói a ciranda que solapa tudo, em direção à vala comum.

Corremos o risco, no entanto, de que a agonia gerada por tais atitudes nos leve ao inevitável encontro com *Iku*: é o risco da depressão; é a saudade enorme dos tempos que já se foram; das pessoas que não ficaram; daquilo que não pudemos ter. E se a agonia da primeira fase foi imensa, maior ainda será o terror da lembrança de “tudo aquilo que podia ser e que não foi.” É a fase da cabeça feita de sombras. Sombras da terrível frase que costumamos repetir: “Mas infelizmente, Deus não quis...”. Sombras da saudade, quando a interpretamos como é “tudo aquilo que fica daquilo que não ficou.” Sombras da in-

¹ Interpretação que aparece no texto *Antiguidade é Posto*, publicado na Revista *Memorialidades*, Ano 1, n. 1, jul.-dez., 2004.

veja dos jovens, quando não os aceitamos em sua fase de cabeça de inhame quente, como se nunca tivéssemos tido a nossa também. Sombras da não aceitação da verdade universal de que tudo passa sobre a terra. Sombras da incompreensão de que, na vida, tudo é incerto.

Muitos só chegam até aqui. E quando *Iku* lhes arrebatou a mão de pilão, leva suas almas também. E aí, tome-lhe academia, casca de ovo, forró, sambão, botox, silicone e outros símbolos da época da cabeça de inhame quente, na esperança de que nos sejam devolvidos nosso escudo e nossa mão de pilão. Mas como quer Freud, o objeto de desejo está perdido para sempre. Mesmo, o inhame requentado jamais assumirá seu sabor original, pois como consta da Bíblia, "há um tempo para tudo, debaixo dos céus."

Observemos que, no encontro com *Ogum*, nada é tomado de *Ajagunã*. Ao contrário: ele até recebe uma espada e, com ela, corta suas ligações com a morte. Antes, ele era um prisioneiro do desejo; agora, ele entra na fase de aceitação. E aceitando o amparo e a ajuda de *Ogum*, *Ajagunã* vai também aceitando a sua condição. Por isso, ele pôde receber um bastão, para lhe servir de apoio. O cajado é aquilo que, na velhice, nos sustenta interiormente e que foi construído ao longo do tempo, nos embates, pela vida. Nada melhor que, na

velhice, termos valores sólidos em que nos apoiarmos. No encontro com *Ogum*, *Ajagunã* entra na Terceira Idade. Por isso, ele descobre que não mais precisa de um escudo: não há mais do que se defender, pois ele está acima de qualquer ataque. Sua nova condição, agora aceita e integrada, é a sua própria defesa.

O resultado dessa integração faz *Ajagunã* transformar-se em *Oxalufã*, aquele que está de bem consigo mesmo e com a vida, que sabe ouvir as queixas e ensinar remédio, isto é, transformar-se num mais-velho, num idoso. Pois é: a maioria de nós anda pagando quantias exorbitantes àqueles que julgamos capazes de ouvir as nossas queixas e de nos ensinar remédio. Por causa disso, enfrentamos uma ansiosa espera nas ante-salas apinhadas dos chamados especialistas. Quando, na verdade, aquele que sabe ouvir as queixas e ensinar remédio reside em nós mesmos, porque somos nós mesmos que alcançamos a integração dos diversos níveis que compõem a estrutura de nossa psique, desde que nossa alma se abra para o Universo e aceitemos os necessários encontros com o outro, para que cheguemos ao encontro conosco.

Se um determinado encontro só pôde produzir a cabeça de inhame quente e um outro, a cabeça de sombra fria, haverá, certamente, aquele outro que

nos propiciará a integração. Para isso, no entanto, é preciso ultrapassar os três limites necessários: o que produz a cabeça quente, de inhame cozido e pilado; o que produz a cabeça fria, de sombras e, finalmente, o que resulta na cabeça azulada, nem muito quente, nem muito fria, sem agonia, mas também sem abrir mão da compaixão.

Quando superamos esses limites, nós nos encolhemos, naquele sentido proposto por Bachelard. Não precisamos do escudo, nem da mão de pilão, pois estamos de bem com o outro e com a vida, porque estamos de bem conosco mesmos.

Homenagem ao professor

Wilma Rosa*

Neste mundo em transição
Em que o ideal fenece
O lidar da educação
É o fator que permanece.

Outubro, mês da criança
É também do professor
Renova em nós a esperança
No crescimento do amor.

Se eu soubesse musicar
Sua generosidade
Comporia um belo hino.

Porque socializar
Respeitando a liberdade,
Não é humano, é divino.

* Aluna da Universidade Aberta à Terceira Idade, 2005.

Imagem feminina

Kátia Daneu Ortega Noriega*

No despertar da consciência, surge o crescimento e o amadurecimento que, somente na vivência plena, podem ser escritos na forma de poesia. Nas linhas e estrelinhas, marcadas por vocabulário forte e sensual, existe a descrição de uma mulher madura, que se reconhece bela aos sessenta anos de vida, e o seu grito de independência.

○ seu gozo poético libera resquícios de uma criação religiosa e opressora que foi sendo podada em gotas homeopáticas, durante a sua existência.

Nesse despertar, consegue exprimir toda a sua essência de mulher, e ela majestosamente coloca para fora todos os preconceitos e conceitos castrados por uma cultura mascarada pela castidade, onde o amor pudico era acobertado por manobras machistas, dissecando cruelmente as almas femininas que se atreviam a sentir prazer.

Estava uma tarde quente e abafada. O suor escorria pelo meu corpo co-

lando o vestido como uma segunda pele. Resolvi me refrescar. Tirei a roupa e, ao passar pelo espelho, vi minha imagem refletida. A imagem de uma jovem senhora de sessenta anos de idade.

Embora o meu corpo não tivesse mais o viço da juventude, ainda continha a sedução da maturidade. Comecei a fazer poses sensuais, procurando descobrir alguns traços da jovem e bela mulher que tinha sido um dia. Na cadência do balanço de meus quadris, ensaiei uns passos de dança moderna, que vira muitas vezes minha filha dançar.

Observei as longas pernas torneadas onde estavam estampadas algumas marcas que a senescência apresenta, como a me recordar de sua posse, como a demarcar o seu território e assim, com o olhar crítico, fui passeando sobre toda minha superfície corporal, descobrindo e mapeando os locais que o outono da idade me presenteara.

* Assistente Social, Especialista em Gerontologia Social, UESC, 2005.

Com as mãos trêmulas, comecei a fazer o reconhecimento da minha pele, das minhas reentrâncias, e dos meus segredos. Gradativamente, fui descobrindo toda a maciez e exuberância do meu corpo de mulher. Reconheci que estava viva e palpitante. Que, apesar de minha idade madura, maduros eram também os meus sentimentos: vibrantes, lânguidos, excitantes.

E assim, com o pensamento de uma Vênus esplendorosa, enchi a banheira e derramei sais e perfumes; e como vira num filme, desfolhei sobre a superfície da água, pétalas de rosas vermelhas. Como uma ninfa, deleitei-me prazerosamente na água morna, estremeço de prazer ao contato delicioso em minha pele fria. Fiquei um bom tempo refletindo sobre o tempo que havia passado e que agora despejava sobre os meus ombros a responsabilidade de uma idosa.

Com os pensamentos em ordem e a alma rejuvenescida, escolhi no guarda-roupa um modelo sensual. Era um vestido de seda, em suave tom pastel, que moldava as minhas ancas arredondadas, fazendo-me estremecer em contato com sua maciez. As alças finas deixavam os meus ombros à mostra e desnudava o meu colo.

Sentei-me elegantemente e vesti languidamente as meias finas, que revestiram as minhas pernas moldando-as e salientando sensualmente a sua beleza. Calcei um par de sandálias pretas que deram um toque de glamour à minha postura e olhei, com imenso prazer, a figura desenhada na moldura do espelho.

Com mãos de artista, maquiei o meu rosto realçando o olhar de gata manhosa e, com suntuosa maestria, encobri as marcas da idade, que teimavam em aparecer, mas que davam um brilho todo especial a minha sexagenária idade.

Para fechar com chave de ouro toda a minha magnífica produção, usei um perfume francês, borrifando-me seu aroma suave e sedutor e, como uma atriz que termina o seu último ato, fechei as cortinas dos meus aposentos e lancei-me no palco da vida. Com essa sensação de plenitude, me reconheci o centro do universo.

Num movimento contínuo de vibrações e sentimentos, senti rasgarem as minhas entranhas, e num momento orgástico, ejaculei a minha alma num grito de liberdade que há muito jazia hibernando e sufocando a minha essência feminina. Dormi, sonhei, acordei, para continuar vivendo.

Um homem

Cyro de Mattos

A festa de aniversário começa a ser programada com dez meses de antecedência. Comparece gente da prole espalhada por todos os cantos do Brasil. Ele tem 25 filhos, 86 netos, 40 bisnetos, 16 trinetos e 8 tetranetos. Ultrapassou a barreira comum do nosso saco de tripas, superando a linha de chegada que Deus programou para nossa sobrevivência aqui neste planeta.

Viver tanto tempo e manter a crença na vida. Fato incomum feito de vitalidade, otimismo e alegria. O que deve passar na cabeça de um homem que atravessou um dos períodos mais conturbados da humanidade? Foram duas grandes guerras mundiais, dezenas de guerras localizadas, muitas revoluções, inúmeras práticas de genocídios a povos e grupos discriminados, apogeu e desaparecimento de estadistas que a história conheceu como heróis. Uma vez lhe perguntaram o que é a vida. Respondeu: "A vida é um branco, um preto, um

mestiço". Observou que ela se acalma quando os homens vivem em paz, se vinga quando ferem e matam. Ela faz pacto com os homens, dando-lhes poderes, mas cobra um preço alto quando eles castigam a natureza.

Conta um dos filhos que ele começou a trabalhar na roça ajudando o pai, desde os 12 anos. Morava na pequena cidade de Barracão, divisa entre a Bahia e Sergipe. Aos 16 anos, o menino de estatura pequena já se sentia um homem, pronto para assumir uma família. Conheceu Filomena numa festa de São João, enamorou-se e logo casou. Veio para o braço Sul das terras do Japaró, buscando melhorar a vida. No início trabalhou nas roças dos outros, enfrentando qualquer tipo de trabalho. Queria ganhar dinheiro, gostavam do que ele fazia. Juntou um dinheirinho, comprou dois burros e deixou de trabalhar para os outros. Passou a ser procurado para que os burros transportassem lenha,

* Cyro de Mattos é contista, poeta, cronista e autor de livros infanto-juvenis. Autor de 28 livros, publicados em Portugal, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, Estados Unidos e México. Membro da Academia de Letras da Bahia.

muda, pedra, tijolo e areia. O negócio foi prosperando, comprou mais três burros, fazendo uma tropa pequena. Junto mais dinheiro e daí a vinte e cinco anos comprou seu pedaço de chão.

Sempre gostou de lavrar a terra, valorizar o suor derramado com o trabalho, o tempo consumido com sabedoria. Da terra tirou o sustento para ir passando a vida, criar os filhos, que cresceram sem passar necessidades. Quando se tornavam adultos e com autonomia, cada um tomava sua estrada. Exercia a profissão escolhida e assumia sua família.

Tem como distrações preferidas tomar banho de rio, montar cavalo, passear pelo campo. Cuidar da horta e da chácara considera uma terapia para o corpo e mente. Distribui as sobras das hortaliças que recolhe da horta com os vizinhos, amigos e parentes. Nunca fumou e só veio tomar uns poucos goles de cerveja quando se aproximava dos 100 anos. Achou aquilo amargo como café sem ser temperado com açúcar. Acordava de madrugada todos os dias, abrindo as janelas para evitar que os filhos ficassem perdendo tempo na cama.

Temente a Deus, devoto de Santo Antônio, nunca perdeu missa aos domingos. Ultimamente acompanhava as procissões de Sexta-Feira da Paixão e São José, o padroeiro da cidade, apoiado na bengala. Todo dinheiro que ganhou na vida, uma parte foi para o seu sus-

tento, outra para guardar, utilizando em caso de necessidade. Às vezes destinava uma quantia para as obras religiosas. De preferência para a capelinha de Santo Antônio, o seu zeloso protetor, não esquecendo as reformas da Igreja Matriz de São José.

Mais de 300 pessoas transformam Tabocas do Japar, cidade onde criou a família, numa festa sem igual quando é chegado o dia de seu aniversário. Missa  concelebrada pelo padre Calixto e por outros sacerdotes dos municípios vizinhos. L está toda a prole em ritmo de alegria, vestindo camisetas com a foto de Benvindo do Amor Divino. Gente de toda cor, rindo a todo instante. Gente dos pontos mais distantes, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Branca, preta, mulata, sarar, cafuza, parda. Ponciano, o filho mais velho, com 85 anos, carpinteiro-pedreiro-ferreiro-mecânico, fala em voz alta que pretende superar a marca do pai, adiantando que essa proeza de fazer que a vida seja longa não vem são do lado paterno. "Mãe Filomena não fica por menos. Este ano apagou 96 velinhas". E mais: "Enxerga tudo, come tudo, fala tudo de s consciência, e a saúde está na mais perfeita ordem".

Com os olhinhos cintilando de gozo, o sorriso alargando o rosto quase sem rugas, Benvindo do Amor Divino aprova com a cabeça o que o filho acaba de dizer sobre a mãe. Ele demonstra pela

mulher um carinho que até hoje brilha no rosto. Acha que está faltando hoje amor entre o homem e a mulher. Todo mundo merece ser zelado. A maioria dos homens casa e já está pensando na separação em pouco tempo. Não pensa nas conseqüências, só quer usar a mulher para consumo. Todo mundo quer cuidado, até mesmo um bicho que a gente cria merece estima.

Dona Filomena abre um sorriso carinhosamente para ele, dizendo que existe muita dedicação, compreensão, afeto e paciência entre os dois. Tanto no café da manhã quanto nas refeições do almoço e jantar prepara-lhe vários tipos de comida. Quando ela ficou de cama por causa de uma queda que tomou na escada, ele não saiu do hospital, rezando no quarto para que ficasse boa logo e retornasse para casa com ele. Quando retornou, até mingau fez para ela.

Na missa concelebrada no ano passado, padre Calixto adiantou que se mostrava mais uma vez feliz vendo uma família tão numerosa manter-se unida sob os princípios cristãos. Esticou o pescoço magro, estendeu um olhar profundo sobre os fiéis e observou que essa união deve servir de exemplo não só aos mais jovens descendentes como aos jovens dos atribulados dias de hoje. Destacou a fibra do patriarca que, não sendo rico, educou os filhos numa vida de trabalho e honradez. Os instrumentos de

Benvindo do Amor Divino, os arreios de sela, a capa para se proteger da chuva e o chapéu de couro, foram doados durante o ofertório.

O largo da igreja estava lotado de pessoas entre felizes e curiosas, sempre havendo alguém nessa hora que alimentava a conversa contando alguma coisa interessante que acontecera com Benvindo do Amor Divino. Falava-se que ele conhecia a região como as palmas das mãos. Chegou para essas bandas quando tudo aqui era mata fechada com muita caça e onça de todo tipo. Benvindo do Amor Divino era amigo das onças. Não queria que os caçadores matassem as bichonas. As onças eram para viver livres como Deus fez. Também pudera! As onças escondiam a caça que matavam debaixo de uma porção de folhas. Ele chegava de mansinho e ia retirando as folhas. Quando sentia que a caça abatida pela onça ainda estava fresca era só apanhar a comida para muitos dias, depois de salgada.

Você sabe do que ele mais gosta atualmente? De dormir e comer, mas nada de alimentos enlatados. A alimentação é natural. Entre as poucas atividades que exerce, ensina aos mais jovens como melhor cultivar a terra, mostrando-lhes o tempo certo para arar e plantar. Um dia, o filho do dono da confeitaria perguntou-lhe qual a fórmula que usou para chegar tão longe. Falou que

saber viver é o de menos, saber morrer é que é. Tudo se resumia em dormir cedo e acordar de madrugada, comer sem exagero o alimento natural, não fumar, não beber. Trabalhar a terra com a enxada, andar sempre e nunca se enervar nas horas críticas. Com a voz forte: Cada um deve saber aproveitar o que ganha com o suor. Gastar com as necessidades, mas saber guardar e empregar bem. Já plantei muita bananeira, hoje não preciso plantar um pé. Não devo um tostão a ninguém, o que guardei dá para viver com dignidade, sem precisar pedir auxílio a terceiro. E, alisando os fios brancos da barba, arrematou com a voz calma de quem bem sabe das receitas completas dadas pela natureza: "Quando você estiver só e quiser afastar a tristeza é só ouvir o canto do sabiá ou do curió".

Você sabe também que ele já foi mostrado na televisão montado a cavalo? Pediu desculpas ao repórter por ser um analfabeto e não saber conversar. Não pôde subir no cavalo sozinho, não tinha mais flexão para impulsionar o corpo e montar na sela. Tempos atrás, um animal arisco caiu com ele montado, pisando o seu joelho. Ajudado pelos filhos, subiu no cavalo e saiu passeando pelas ruas da cidade natal. Antes fez questão

de deixar claro ao repórter: "Nunca caí do cavalo. O cavalo é que caiu comigo."

Naquele ano de verão temperado com chuvas fortes e rápidas, não quis revelar à mulher um sonho que teve dois dias depois da procissão de São José. Nem tampouco ao filho caçula, Olavinho, um que já fez 50 anos, que cuida das roças de cereal e do criatório de gado nos três alqueires da fazenda Estrela do Rio. Mandou reunir toda a prole e não quis comemorar o aniversário naquele ano. Disse no quarto que não queria choro. Não deve haver desunião entre vocês. Quero vocês reunidos todos os anos, comemorando o aniversário da Filomena. A vida é uma nuvem que passa, devagar para alguns, veloz para outros. Às vezes, alguns que vêm ao mundo demoram aqui pouco tempo, mal conseguem ver essa nuvem passar. Agradeço ao meu bom Deus ter vivido tanto tempo. Com a voz serena: os dias são iguais, o sol nasce e se põe, a noite vem e vai. Os anos são bonitos para se viver.

E, antes de fechar os olhos em definitivo, ainda disse: caprichem, tenham vergonha e aproveitem o nome que eu deixo para vocês. Foi-se embora deste mundo para a terra do nunca mais na flor dos seus 105 anos.

Recordar é viver...

Profelina Souza Maia¹

Lembro-me quase com saudades da minha terra Jequié, Bahia, como era seu aspecto. Cidade pequena, com poucos bairros, ruas quase sem calçamentos, tão simples, e até mesmos rústicas, mas que, aos poucos, começou a desenvolver-se.

Ainda me lembro onde era realizada a feira aos sábados. Exatamente onde hoje é a praça Ruy Barbosa; havia ali uma grande gameleira, onde feirantes se abrigavam nas horas de calor; depois foi transferida para a Baixa dos Tropeiros, local onde se reuniam as tropas trazendo em seus lotes cargas das mais variadas espécies.

Essas tropas eram bem organizadas, dividindo-se em lotes, que eram acompanhadas por uma mula garridamente enfeitada, com o peitoral cheio de guisos que tinham som vibrante; a cabeça era enfeitada com uma boneca ou abacaxi de panos coloridos. Todos os outros animais seguiam seus passos até chegarem à Pousada, onde

o tropeiro acomodava a bagagem pondo os animais para pastar. Então, o cozinheiro, ou cuca da tropa, providenciava o fogo, que era de lenha com trempe de ferro, sobre o qual cozinhava o delicioso feijão (*feijão tropeiro*); e todos se preparavam para o descanso até o alvorecer, quando prosseguiram a lenta marcha até chegarem ao destino.

Ao longo da estrada viam-se boiadas imensas seguidas pelos vaqueiros e, na frente, o guia com seu berrante, a chamar o gado, a fim de não dispersar.

A cidade também não tinha muitos meios de transportes e era bem usado o carro de bois que lentamente carregava pessoas e mercadorias dos diversos lugares; na frente, seguia um guia que ia sempre alertando os bois com ferroada chamando-os pelos nomes, assim: ô, Boneco, vamos, Formoso! E o carreiro, pacientemente sentado no carro, que rasgava caminhos com aquele som até

¹ Idosa, 84 anos, Dona de casa, ensino médio incompleto; professora primária. Faleceu em 2006.

perder-se ao longe; lembranças remotas, mas muito bonitas.

E como era difícil o acesso aos recantos! Usavam-se canoas que traziam produtos; essas canoas deslizavam pelas correntes das águas muito barrentas e chegavam ao porto fluvial nas imediações da ponte Teodoro Sampaio, onde descarregados iam para o mercado. O Rio de Contas era tão belo, volumoso, com seus areões a perder de vista. Ali, as lavadeiras estendiam roupas para serem aquecidas pelo sol e, enquanto esperavam, tinham sempre um lazer, um banho, nadando em suas águas, ora rasas, ora fundas, diver-

tindo as crianças e os adultos.

Mas, com a civilidade, começou a destruição e hoje apenas resta um estreito rio, coberto de esgotos e pequenas ilhas em seu leito. Acabou-se aquela arrogância do rio com seu volume enorme de águas, a empurrar o Jequezinho, de menor curso de água e, neste desafio, provocava as grandes cheias, que atingiam grande parte da cidade.

Estas são algumas lembranças que ainda guardo na memória. Uma bela cidade, que é a nossa Jequié, palavra indígena derivada da posição dos dois rios que formavam um grande jiqué.

Mensagens aos Netos

JOÃO PAULO

Maria Luiza Nora*

É preciso ser precavida e deixar para você um pouco da minha alma. Pretendo ver seus filhos nascerem, mas, se isso não for possível, você me conhecerá através deste texto. Com ele você poderá dizer: minha avó era assim. E me conhecerá através do que lhe desejo:

- Desejo que você seja sensível na medida certa. Não demais, para não ser frágil, nem de menos, para não ser rude.

- Que você seja educado. Esse é um dos segredos para a obtenção da felicidade possível. Saiba tratar as pessoas, ouvi-las. Tenha um interesse verdadeiro por elas, mas pelo que são. E perceba que, como você as trata, você é tratado.

- Saiba dizer sim, seja generoso, mas também saiba dizer não. O não é o guardião do nosso espaço, que deveria ser sagrado. Alguns podem até ser invadidos; outros não. Porque aí habita nossa

privacidade, nossa essência. E na defesa dessa essência, não se deve transigir.

- Desejo que você saiba ser livre. Certa vez, um homem muito simples me disse:

“Quem faz o que quer não é livre, é doido. A gente faz um pouco do que quer e muito do que deve”. E é verdade. Nossos compromissos, nossas afeições nos seguram. Mas é um bom limite, dado pelo amor.

- Desejo que você saiba se relacionar com o dinheiro. Que saiba ganhá-lo, saiba usá-lo e que você seja sempre o dono dele. E não o contrário. O dinheiro deve servi-lo; não você a ele.

- E que você seja bom. E tenha espiritualidade. E que sua bondade não faça de você piegas, nem a religiosidade lhe dê a falsa impressão de estar abraçando a única religião capaz de redimir

* Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Diretora da Editus.

o homem e de salvá-lo. Aliás, João, tenho a impressão que o importante nem é a religião, mas a espiritualidade. E, mais que a espiritualidade, é importante a bondade. Tudo indica que qualquer bom caminho conduz a Deus. Logo, Deus quer que sejamos bons, não que sejamos carolas. Nem que posemos de donos da verdade.

- E por falar nela, perceba quanto é relativa. E livre. Ninguém é seu dono; ninguém a segura. Ela, a verdade, é e será sempre parcialmente sua. E de quem a buscar.

- Assim também é o amor. Não tente aprisioná-lo. Ele só se desenvolve com liberdade e respeito. E com muitos cuidados. Os grandes amores são feitos de pequenos e constantes cuidados.

- E saiba ser criança, mesmo depois de adulto. Saiba confiar como uma delas, mas não entregue sua confiança a qualquer um; há quem merecê-la.

- Eu desejo que você saiba, João, antes de tudo, ser gente. Parece simples.... mas será? Alguns de nós se perdem de si e perdem até certas capaci-

dades que nos identificam como ser humano. Duas delas são o riso e o pranto. Muito do primeiro e um pouco do outro para você. Mas ambos verdadeiros. Só sabe sorrir e chorar verdadeiramente, quem sabe estar inteiro, de posse do seu ser como um todo. E isso passa pela entrega. Não esteja aqui pensando em estar lá, nem esteja com alguém desejando outra pessoa. Se assim o fizer, você perde os momentos e as pessoas. E se frustra.

- E, finalmente, eu desejo que você seja tão feliz, dentro das contingências humanas, que eu nem precise lhe desejar mais nada. E você deve conseguir isso, ser feliz. Primeiro, porque você é muito, mas muito amado. Depois porque tudo indica que você é livre, leve e bom. E disso, João, a gente dá indícios desde pequenininho. E sendo livre, leve e bom, você é o nosso João Paulo, um menino lindo que foi esperado e que, talvez por isso, Deus mandou assim: especial. Para que todos nós também fôssemos felizes. Por você e com você.

Sua avó,
Ba

P. S.: Lembre-se que ninguém é dono da verdade. Logo, pode haver enganos no que desejo para você. Então, avalie, dentro do que aqui está aconselhado, o que você realmente quer desejar.

ANDRÉ

Maria Luiza Nora

Falavam da beleza da avosidade (ou da netitude), mas eu, apaixonada pelos filhos, não fazia muita questão de acreditar. Mas veio você, André, e como num passe meio mágico, tanta coisa se modificou.

Uma certa sabedoria que, de repente, nos faz valorizar mais a felicidade que a impecável educação.

Não pretendo deseducá-lo, mas vou priorizar o que você já traz em si muito forte: vocação pra ser feliz. Por isso, caso lhe faça bem, você vai andar descalço, na chuva e em roda-gigante; vai subir em árvores, montar cavalo e nadar no rio; vai ouvir histórias, comer cachorro-quente e tomar sorvete até se fartar. Você vai ter a oportunidade de descobrir que educação é, antes de tudo, respeito pelo outro, e não ligar no automático e sair dizendo “com licença” e “obrigado” sem olhar quem está ouvindo o pedido ou o agradecimento. Que educação é muito mais dividir o pão que dominar os talheres (que é bom que sejam dominados).

Você vai poder descobrir que o mais bonito da vida é o mais simples: amigos (em absoluto primeiro lugar), árvores, pássaros, água (de mar, rio, lago, ca-

choeira), é a lua, o sol, a música, a literatura e o cinema.

Mas vai, também, ter o direito de discordar, e poderá dar prioridade à tecnologia e logo cedo se internetizar.

Eu lhe prometo que você será, além de amado, respeitado e orientado, pois para ser feliz é preciso lidar com os limites e com uma certa dose de frustrações.

Você, André, é a oportunidade de reconstrução de cada um de nós, seus pais, avós, tios e talvez por isso seja tão importante que você venha a ser (e será) uma pessoa boa, bem “esculpida” pela vida, bem “construída” por todos nós, e que, por isso será capaz de amar e receber muito amor.

Que nossos limites não lhe sejam passados, mas que você tenha o direito de ter os seus. Queremos aplaudi-lo pela vida a fora, mas também queremos compreender as “cabeçadas” que serão próprias de cada idade.

Outras crianças nossas virão e você irá recebê-las: seus irmãos, e os filhos de suas tias e tio - Pat, Mila, Karine, Kiki e Matheus - e vai dizer a cada uma delas que este é um mundo viável e que nele é possível plantar sonhos. Você tal-

vez se sinta um pouco inseguro com a chegada dessa menina linda, mas logo vai perceber que amor é um dos poucos bens do mundo que, distribuído, se multiplica, e que o amor que é seu, seu continuará sendo.

Enfim, tudo isso, André, é só para lhe dizer o quanto eu, e tanta gente mais, amamos você e que tudo o que está escrito tem sido sentido por todas as avós do mundo, desde que o mundo é mundo. Que bom!

Mensagens aos Avós

Meus distantes mas presentes avós

Débora Bahia T. da Silva*

Meus familiares, paternos e maternos, não são de Ilhéus (cidade onde sempre morei). Por conta disso, não pude conhecer o cotidiano da vida de meus avós. Os paternos moravam em Teixeira de Freitas, os maternos moravam em Itacaré, onde, quase sempre, passava as festividades de fim de ano.

De meus avós paternos, mesmo com a convivência limitada pela distância, tenho maravilhosas lembranças. Com eles, aprendi a cultivar o sentimento de gratidão e simplicidade, tornando-me uma pessoa bem melhor, simples em relação às coisas da vida, especialmente em relação ao consumismo.

Meu avô João cantava para mim, entre outras cantigas, uma que dizia assim: “[...] o castelo pegou fogo, São Francisco deu sinal [...]”; para essas cantigas, quase sempre estava sentada em seu colo. No quintal da sua casa, na-

quele tempo, tinha muita vegetação, o que facilitava as aventuras dos netos.

A sua casa era bem humilde, com paredes em madeira, e eu gostava muito de sentir aquele aroma de cidade interiorana. Eu me sentia muito amada por esses avós. Eles tinham por mim um carinho especial porque eu era franzina e eles me protegiam das “atrocidades” de minha prima, bem mais forte que eu.

Já meus avós maternos eram um pouco distantes em relação à aproximação carinhosa com os netos. Pedir a bênção é, até hoje, a forma de nos aproximarmos deles. No entanto, quando se tratava dos namoros, a marcação era severa e firme. Minha avó não podia ver menino algum na porta que logo me chamava para dentro de casa.

Interessante é que, apesar dessa rigidez, ainda conservamos o respeito e carinho pelos meus avós.

“Bênção, vó!”

“Deus te abençoe, minha filha!”

* Estudante de Pedagogia, 25 anos.

Minha relação com meus avós

Alessandra Machado*

Falar dos meus avós é (re)viver instantes fantásticos, com nostalgia.

Começarei falando da minha avó Maria: ela era uma descendente dos índios da tribo de Olivença, tinha os cabelos que ultrapassava as nádegas. Apesar de quando ela morreu eu ser ainda muito pequena, tinha uns cinco anos mais ou menos, eu vivi momentos intensos.

Quando eu ia para a casa dela, adorava ir para a cozinha. Eu e meu irmão sentávamos num tronco de madeira que tinha lá, a casa era de taipa e o chão de terra batida, eu amava comer a comida especial de minha avó: farofa de água fria e carne assada na brasa. Na cozinha, eu a via cozinhando, e por muito tempo acreditei que o café era feito de pedaços de estacas finas que ela quebrava da cerca do quintal de sua casa, dizendo para mim que assim é que fazia café; só muito tempo depois descobri que as estacas eram para manter o fogo do seu fogareiro e não eram café.

Eu lembro dela com meu irmão

Adriano, dançando no meio da casa com seu vestido de campo branco e bolas coloridas, como dizia ela; dela me dizendo que a gente era porco, comia e melava a boca, e ela, não; lembro também que eu dormia com meu irmão para dar minha cama para ela, principalmente quando ela ficou doente. Vó morreu e eu não entendi muito o que aconteceu.

Com a minha avó paterna, a vó Dalva, eu não convivi muito, por conta de morarmos distantes e de existirem situações conflituosas entre ela e minha mãe. Mas eu aprendi a rezar com ela o Pai Nosso, a Ave-Maria, só não consegui a Salve-Rainha. De vó Dalva eu lembro que ela fazia xixi em pé e eu perguntava por que ela não se abaixava. Em uma relação extra conjugal, meu pai teve um filho que ela amava muito e fazia todas as suas vontades; o amor que ela tinha por ele ficou registrado em mim.

Com o meu avô paterno, vô Zé Alves, não me lembro de viver coisas

* Estudante de Pedagogia.

boas, mas eu gostava dele, cuidei dele quando ficou doente e briguei com ele quando humilhou minha mãe.

Eu senti muito quando ele morreu, apesar de ele, por influência ou não de outras pessoas, me tratar com indiferença, às vezes.

Já com meu avô Vicente era outra realidade; quando ele morava na roça e vinha nos visitar, era maravilhoso ouvi-lo contar as histórias de lá; do curisco que caiu e partiu uma árvore, de como ele ficou meio surdo quando, ainda adolescente, em um mergulho no rio, ele foi surpreendido por uma bomba de pes-

car peixe que estourou. Eu vivia lhe pedindo um mico, mas ele nunca me deu. Quando ele veio morar em Ilhéus, eu morria de rir dele contando dos outros aposentados na fila da aposentadoria, dos quais ele mangava, dizendo que ele era o melhor daqueles. Eu ria e achava muito divertido, não tinha noção. Ele dizia que quando morresse iria para o cemitério que ficava em outro bairro, porém em frente à casa dele; por ironia do destino, ou não, ele foi enterrado embaixo de uma árvore em frente de sua casa, que hoje é minha, que ele me deixou como herança...

O que é, sem ter sido

Sulamita Teles*

É muito bom quando os netos têm o privilégio de conhecer e conviver com os avós, pois, inegavelmente, há uma troca de experiências importantes, ainda não devidamente considerada, em que ambos aprendem, dentre outras coisas, a respeitar as diferenças e a época de cada um.

Seria muito gratificante para os avós verem seus netos reproduzindo aquilo de bom que foi passado para eles, avós, a exemplo de brincadeiras, cantigas, brinquedos, histórias, e até mesmo os conselhos que, sem dúvida, fazem parte da relação e é preocupação dos avós alertar os netos sobre os perigos que a vida tem, e como fazer para não se prejudicar nessa trajetória. Da mesma forma, deve ser gratificante para os netos poderem,

por exemplo, se conhecerem melhor, através da memória dos avós, recuperando a história da própria família, as suas raízes, ou ouvir as experiências de vida dos avós, que também foram jovens como os netos.

Não tive a oportunidade de conviver com meus avós; conheci-os apenas em fotografia. E estou certa de que isto interferiu fortemente na minha formação. Às vezes tenho uma certa “inveja” quando vejo netos e avós se relacionando bem; gostaria de sentir esse mesmo prazer. Da mesma forma, sinto-me indignada quando vejo ou escuto netos que não gostam dos avós, realçando neles apenas os defeitos, como exigência e chatice, como se fossem pessoas sem quaisquer qualidades.

* Jovem, 22 anos.

Minha avó

Maria Luiza Souza de Andrade*

Olá!

Meu nome é Maria Luiza. Tenho onze anos e vou falar um pouco sobre a minha avó. Ela é muito legal - brincalhona, extrovertida e... um pouco séria.

Às vezes discutimos, pois nossas opiniões, em alguns assuntos, é muuuuito diferente; mas, fora isso, tudo é festa. Ela me faz muitas coisas boas, como doce de jenipapo, doce de leite e outras

coisas mais.

Ela tem 63 anos e eu 11. Com certeza, já viveu mais que eu. Ela me conta várias partes da vida dela (às vezes não acredito que isso ou aquilo vai dar certo e teimo com ela; resultado, quebro a cara sempre); então, ela me previne de coisas ruins que já viveu e não quer que eu viva.

Então, no fim de tudo, ela é:

Super,

Hiper,

Mega,

Power,

Big

LEGAL!

Bjôo

Ma. Luiza

* Aluna da sexta série da Escola Adventista de Itabuna, Bahia.

MEMORIALIDADES

Publicação semestral do Núcleo de
Estudos do Envelhecimento/DFCH da UESC.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista MEMORIALIDADES, aceita colaborações de trabalhos originais relacionados com a temática do envelhecimento: resultados de pesquisas e relatos de experiências educativas de interesse do público idoso, ensaios e resenhas de material publicado nos últimos dois anos.

O material enviado será apreciado pelo Conselho Editorial, que poderá fazer uso de Consultores *ad hoc*. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos seus escritos.

O autor receberá dois exemplares da Revista em que for publicado o seu trabalho.

Os escritos deverão ser encaminhados em três vias impressas, digitados em espaço duplo, letra Arial - fonte 12, com o máximo de vinte laudas, com resumo (em português e inglês), palavras-chave (máximo de cinco palavras, também em inglês), acompanhados de gravação em CD.

Os escritos devem ser encaminhados para:

Coordenação Editorial Revista Memorialidades
Universidade Estadual de Santa Cruz
Núcleo de Estudos do Envelhecimento
Rodovia Ilhéus-Itabuna / 1º andar - Torre administrativa
km 16 - 45 662-000 Ilhéus, Bahia

IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Coordenação Gráfica: Luiz Henrique Farias
Designer Gráfico: Cristovaldo C. da Silva
Impressão: Davi Macedo e André Andrade
Acabamento: Nivaldo Lisboa
Secretário: Adilson Arouca

Impresso na gráfica da **Universidade Estadual de Santa Cruz**
Ilhéus-BA